

146



LIQUIDAÇÃO DE REVISTAS – 10

Oferta de revistas e álbuns a preços muito baixos. O custo de envio está incluído no preço. O estado de conservação de cada edição está indicado, seguindo a convenção: (MB) – Muito Bom; (B) – Bom; (R) – Regular; (P) – Péssimo. Cada edição ficará reservada ao primeiro que escrever encomendando-a. Após a confirmação, o interessado deve enviar o pagamento em depósito bancário a **EDGARD GUIMARÃES**.

TEXTOS SOBRE QUADRINHOS: Pacote com cerca de uma centena de recortes de artigos de jornais (“Folha de S. Paulo”, “Estado de S. Paulo”, etc.) sobre HQs – R\$ 20,00 o pacote.

LIVROS DE ENO TEODORO WANKE: *O Despertar do Amor* (B) – R\$ 8,00 * *A Máquina do Mundo* (B) – R\$ 8,00 * *Pensamentos Moleques* (R) – R\$ 8,00 * *Antologia da Trova Escabrosa* (MB) – R\$ 8,00 * *Cavalo na Chuva* (B) – R\$ 8,00 * *Etc e Tal* (B) – R\$ 8,00 * *Os Três Tijolinhos do Elefante* (B) – R\$ 8,00.

Cinemim (Ebal) (B) 30, 33 – R\$ 5,00 c/ * *A Bagaceira* (Ebal) (R) – R\$ 5,00 * **Grandes Figuras** (Ebal/1965) (R) 12 – R\$ 5,00 * **Football – Mordillo** (Meribérica/Liber) (B) – R\$ 25,00 * **Do Guarani ao Guaraná** (Casa de Rui Barbosa) (B) – R\$ 20,00 * **Krazy & Ignatz 1935-1936** (Fantagraphics) (R) – R\$ 20,00 * **Universo Marvel** (Panini) (MB) 8 – R\$ 10,00 * **Sítio – Você Sabia – Abolição e Proclamação da República** (Globo) (MB) – R\$ 15,00 * **Epopéia-Tri** (Ebal) (B) 35, 41, 42, 44 – R\$ 10,00 cada * **Imagens do Ano** (AEF/MG) (B) – R\$ 5,00 * **Asterix – O Presente de César** – capa dura (Bertrand) (R) – R\$ 15,00 * **Asterix – A Volta à Gália** – capa dura (Bertrand) (R) – R\$ 15,00 * **Conan – A Lenda** (Mythos) (B) 0 – R\$ 5,00 * **Dan Dare – Voyage to Venus Part 2** (Titan Books) (MB) – R\$ 25,00 * **Em Busca do Tempo Perdido** (Zahar) 5 (MB) – R\$ 15,00 * **Fantasma – Casamento e Lua-de-Mel** (RGE) (B) – R\$ 20,00 * **Asterix e Latraviata** (Record) (R) – R\$ 10,00 * **Sandman – Capas na Areia** (Opera Graphica) (MB) 1 e 2 – R\$ 20,00 * **Asterix – O Filho de Asterix** (Record) (R) – R\$ 10,00 * **Mad Especial** (Panini) 12 (MB) – R\$ 4,00 * **Eca! 1** (MB) – R\$ 2,00 * **Ovelha 5** (R) – R\$ 5,00 * **Comix Milênio** (Escala) (B) 7, 8, 10 – R\$ 5,00 c/ * **Férias Maluquinhas** (Globo) (B) 1 e 2 – R\$ 5,00 * **Witch** (Abril) 94 (B) – R\$ 4,00 * **Holy Avenger VR** (Talismã) 5 (B) – R\$ 4,00 * **Ragnarok 2** (P) – R\$ 2,00 * **Ragnarok 3/4** (B) – R\$ 5,00 * **Heróis da TV** (Abril/2002) 13 (R) – R\$ 1,00 * **Mangá Kids** (B) 2, 4 – R\$ 2,00 c/ * **Pokemon Club** (Conrad) (B) 1, 2, 4, 6 – R\$ 3,00 c/ * **Pokemon Quadrinhos** (Conrad) (B) 1, 2, 3 – R\$ 3,00 c/ * **Anime Do** (Escala) 3 (B) – R\$ 2,00 * **Fradim** (Codecri) 5 (P) – R\$ 2,00 * **Tina Especial** (Panini) 1 (MB) – R\$ 2,00 * **1º Coquetel Piadas** (Ediouro) (B) – R\$ 5,00 * **3º Coquetel Piadas** (Ediouro) (B) – R\$ 5,00 * **Papa João Paulo II** (Abril) (R) – R\$ 5,00 * **Kerouac** (Devir) (MB) – R\$ 10,00 * **Classicos em Quadrinhos – Drácula** (Rai) (MB) – R\$ 20,00 * **Fantasma** (Activa) 1 (MB) – R\$ 3,00 * **Literatura Brasileira em Quadrinhos – A Causa Secreta** (Escala) (MB) – R\$ 6,00 * **Literatura Brasileira em Quadrinhos – Memórias Póstumas de Brás Cubas** (Escala) (MB) – R\$ 6,00.

QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 146 JULHO/AGOSTO DE 2017

Editor: Edgard Guimarães – edgard.faria.guimaraes@gmail.com
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.
Fone: (35) 3641-1657
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

EDITORIAL

Um número menos reforçado do que o anterior, mas ainda sim com mais páginas do que o usual.

Artigos de Alexandre Yudenitsch, Francisco Dourado, Lio Guerra Bocorny, E. Figueiredo, a seção ‘Mantendo Contato’ de Worney Almeida de Souza, as resenhas de Cesar Silva, Marcos Freitas, Edgar Franco e André Carim, alguns textos meus, e a seção ‘Fórum’, com cartas-artigos para todos os gostos.

Nos cartuns, ilustrações e Histórias em Quadrinhos, Celso Ricardo, Julie Albuquerque, Eduardo Marcondes Guimarães e Luiz Cláudio Lopes Faria.

A seção ‘Edições Independentes’ com um bom número de publicações e uma pequena mudança na diagramação.

O Carlos Gonçalves presentearia os leitores com mais dois artigos no sétimo encarte ‘Artigos sobre Histórias em Quadrinhos’.

Boa leitura!



ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

O ANCHIETA DE COLIN

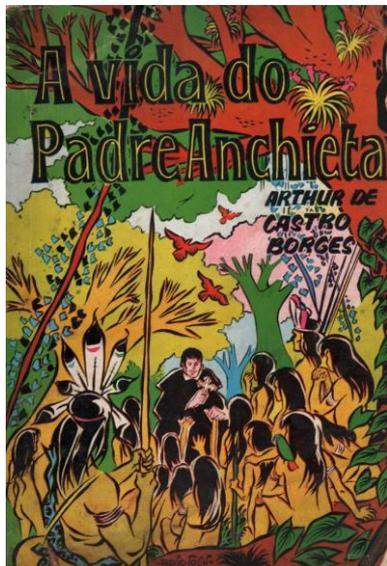
Edgard Guimarães

Adquiri recentemente um livro chamado **A Vida do Padre Anchieta**, escrito por Arthur de Castro Borges. Foi publicado em 1959 pela Editora Vozes, destinado a um público infanto-juvenil, com cerca de 100 páginas, descrevendo em linguagem clara a vida de Padre Anchieta. O motivo da compra foi a informação de que era ilustrado por Flavio Colin. De fato, além da capa colorida, de vinhetas iniciando cada um dos 20 capítulos, há 17 ilustrações de página inteira de Flavio Colin, curiosamente impressas numa cor verde escuro.

Em 1959, Flavio Colin produzia intensamente para a Rio Gráfica e Editora. Desde 1956, fazia HQs para a revista **Enciclopédia em Quadrinhos**, e depois de fazer muito trabalho com personagens estrangeiros da RGE, dedicou-se a partir de 1959 à revista **Aventuras do Anjo**, adaptação de personagem brasileiro criado para radionovelas. O traço de Colin teve sua maior influência em Milton Caniff, certamente. Mas desde muito no início Colin já usava um grau de estilização maior. No entanto, o desenho para uma publicação comercial de Quadrinhos não podia ser muito diferente de um padrão aceito pelos editores e supostamente pelos leitores. Assim, quisesse ou não desenvolver um traço mais estilizado nessa época, Colin estava limitado pela exigência de mercado. Nas ilustrações de livros, por outro lado, a tendência era outra. Havia uma aceitação por parte dos editores de ilustrações bastante estilizadas. O nome mais conhecido nas ilustrações de livros, em especial os da Livraria José Olympio Editora, era Poty, cujo traço, com influências da xilogravura, não poderia ser mais estilizado. Assim, neste livro de Anchieta, Flavio Colin pôde usar um traço mais estilizado do que lhe era permitido na RGE, embora ainda longe do que viria a ter quando retornou às Histórias em Quadrinhos em meados da década de 1970.

Mas cabe a questão. Será que a passagem de Flavio Colin pela ilustração de livros o estimulou a desenvolver o traço bastante estilizado que passou a usar na sua posterior produção de Histórias em Quadrinhos? Não seria um caso único. Também Jayme Cortez retornou às Histórias em Quadrinhos na década de 1970 com um traço bastante distinto do que praticava na década de 1950, tanto em pequenas HQs quanto nas capas de revistas da Editora La Selva. E esta estilização já estava presente em centenas de ilustrações que fez para dezenas de livros, em especial romances de autores brasileiros como José Mauro de Vasconcelos.

A questão está colocada.



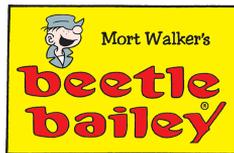
AMOSTRAS DE PÁGINAS DOMINICAIS

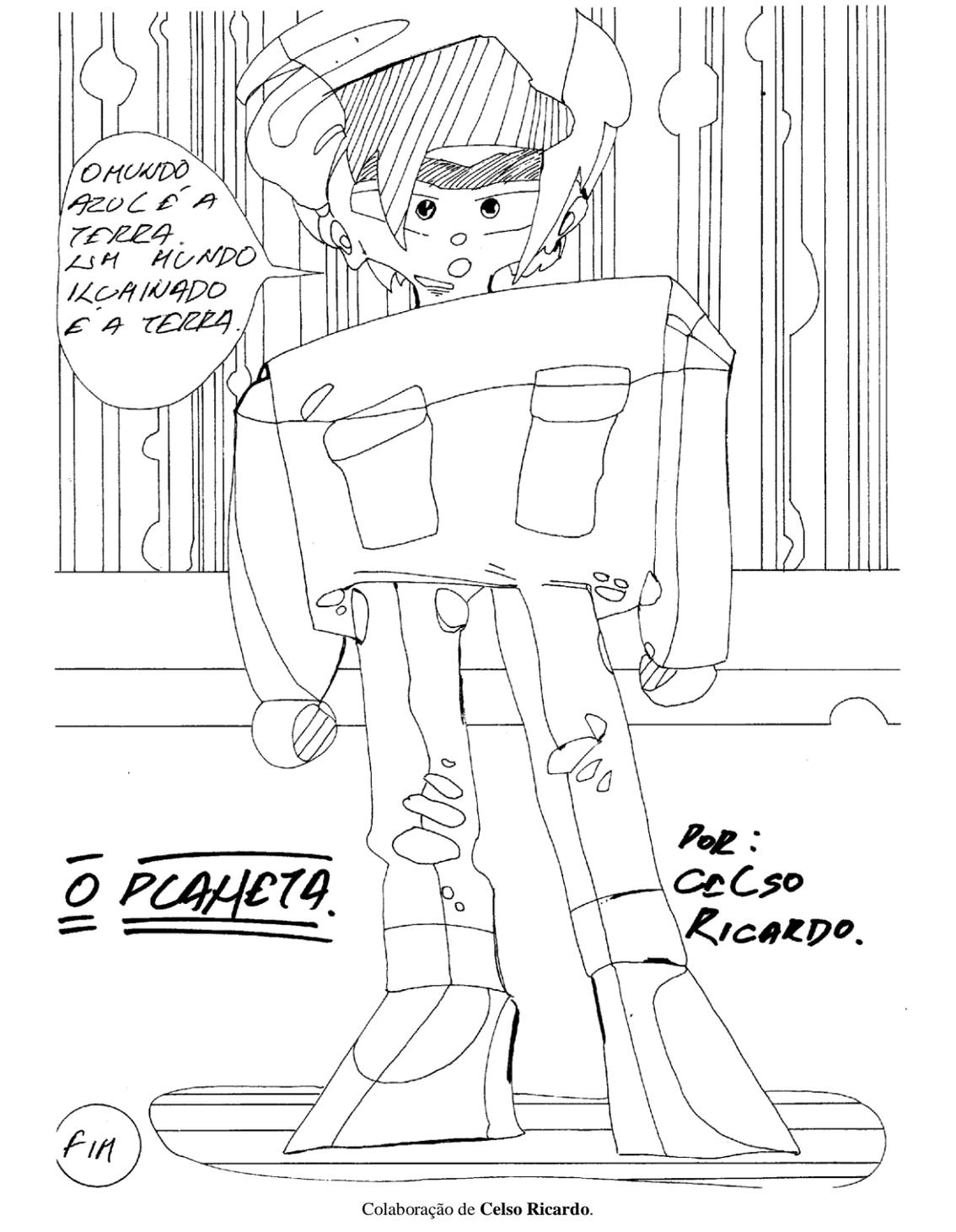
Comentários e HQs enviados por **ALEXANDRE YUDENTITSCH**

Ainda no assunto dos Quadrinhos em jornais e sua atual metodologia de ter ‘quadros opcionais’, anexo alguns exemplos recentes que mostram que (principalmente nas tiras humorísticas, que hoje são quase exclusividade) é possível aproveitar os 2 quadros iniciais da página dominical para apresentar algo semelhante a uma tira diária, mas ligado ao que aparece nos demais quadros, e que pode ser retirada sem prejuízo para o resto, mas, se não for retirada, oferece praticamente mais uma “daily” ao “sunday”...

Realmente, a tira de cima é totalmente independente

Tenho notado isso com maior frequência; já que eles vão ter de desenhar 2 quadros a mais, basta ter uma ideia para uma ‘tira curta’ que o trabalho é praticamente o mesmo (talvez um pouco mais elaborado, pois os ‘quadros de encher lingüiça’ costumam ser mais simples).





OMUNDO
AZUL É A
TERRA.
LMA MUNDO
ILUMINADO
É A TERRA.

Ô PLANETA.

POR:
CELSO
RICARDO.

FIM

Colaboração de Celso Ricardo.





Ilustração feita por Eduardo Marcondes Guimarães.



CONVITE

Jijé

O CLUBE PORTUGUÊS DE BANDA DESENHADA
 Convida-o para assistir à inauguração da Exposição de
 Banda Desenhada dedicada ao desenhador belga Jijé, na sua Sede,
 na Avenida do Brasil 52-A - Falagueira - Amadora
 Esta Exposição foi gentilmente cedida temporariamente, pela Câmara
 Municipal de Moura/GICAV de Viseu, a quem desde já agradecemos.

NO DIA 18 DE MARÇO (SÁBADO) PELAS 17H30.



Convite de Exposição do Clube Português de Banda Desenhada, enviado por Carlos Gonçalves.

CASEY RUGGLES COM CENSURA

Artigo de Leônidas,
Publicado no
bloguedelos300

Nos anos 50, o *comic book Sparkler Comics* publicava, entre outras séries de jornais da United Features, *Casey Ruggles*, com eliminação de muitos quadros, cortes em outros e uma cor que as tiras diárias jamais tiveram. Mas não só isso sofriam os desenhos de Warren Tufts. No número 100, de julho/agosto de 1951, a sequência do episódio *Águia* (em *Casey Ruggles* muitas vezes os episódios tinham seu próprio título, coisa muito rara nas séries de jornais), em que aparece uma moça, os editores do *comic book*, conscientes de que sua revista se destinava a um público distinto do público dos jornais, decidiram introduzir outras mudanças.

Vejam vocês e tirem suas conclusões.

O referido episódio de *Casey Ruggles* estará incluído no novo volume da coleção publicada por Manuel Caldas, junto a outros realizados por Tufts em 1950; são episódios de tiras diárias, em preto e branco, sem páginas dominicais, pois só as histórias incluídas no período do primeiro volume integravam as tiras diárias às páginas dominicais.



Bicicleta NOVA!!



Idade AVANÇADA!!



CONVERSA de Boteco!



Colaboração de Luiz Cláudio Lopes Faria.

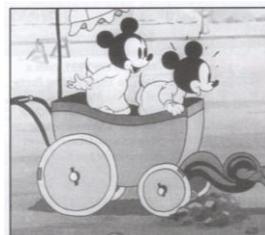
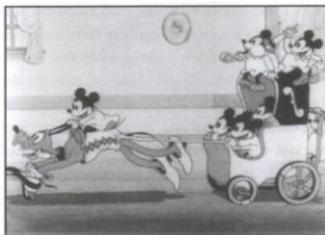
OS “SOBRINHOS” DE MICKEY

Edgard Guimarães

A memória engana. Tenho a lembrança clara de ter lido em algum lugar (muito provavelmente em alguma edição especial comemorativa de aniversário de Mickey, lançada pela editora Abril), que Floyd Gottfredson, desenhista da tira do Mickey para jornais praticamente desde o início (só não desenhou a primeira aventura e parte da segunda), ao criar os “sobrinhos” do Mickey, criou uma grande quantidade deles, baseado justamente na ideia de que ratos tem dezenas de filhotes. Mas o trabalho que deu desenhar tanto ratinho foi tanto, que Gottfredson, ao fazer nova aventura com eles, trouxe de volta apenas dois.

O lançamento recente da coleção **Os Anos de Ouro de Mickey**, pela editora Abril, publicando cronologicamente toda série de Mickey feita para jornais, desmentiu minha memória. Ainda tentei salvar sua dignidade procurando em minha coleção, em todos os especiais da Abril, onde estava aquela informação de que me lembrava. Não achei nada.

A história correta parece ser, de acordo com as informações na coleção da Abril, a seguinte. Em 5 de agosto de 1932 foi lançado o desenho animado **Mickey’s Nightmare**, em que “Mickey sonha ter se casado com Minnie e ter tido com ela 21 filhos”, que certamente se tornaram o pesadelo do título. Nesse filme, é certo que os animadores padeceram para colocar em cena 21 ratinhos. Não sei dizer se Gottfredson chegou a participar dos desenhos de Mickey, mas desde maio de 1930 ele já estava envolvido com as tiras para jornais, portanto não deve ter sido um dos desenhistas que sofreram desenhando ratinhos no desenho animado. A estreia de ratinhos nos Quadrinhos, desenhados por Gottfredson, foi na página dominical de 18/09/1932. A senhora Fieldmouse pede a Mickey que cuide de seus dois filhos, enquanto ela estiver fora. Os nomes dos 2 ratinhos (Morty e Ferdie) não aparecem de imediato. E os dois não são sobrinhos de Mickey, já que a senhora Fieldmouse não é sua irmã ou nora. Mas desde a primeira página em que aparecem, já chamam o Mickey de *unca*. E na página de 30/10/1932, ao apresentar os dois ratinhos a Minnie, Mickey os chama de “sobrinhos”. Nessa mesma página um dos ratinhos responde a Minnie que seu nome é Mortimer Fieldmouse. Este nome é confirmado no apêndice da série *Silly Symphonies* de 06/11/1932, desenhada por Al Taliaferro. Segundo Gottfredson, a origem dos dois “sobrinhos” foi: “Walt me pediu para pegar dois dos ratinhos que apareciam na plateia do desenho **Em Benefício dos Órfãos** e os transformasse em sobrinhos do Mickey”. Acontece que esse desenho só foi lançado em 11 de agosto de 1934. Dessa vez, o lapso de memória foi de Gottfredson.



Fotograma de **Mickey’s Nightmare**, 1º quadro da página dominical de 18/09/1932 e fotograma de **Mickey’s Steam Roller**.

Ratinhos já haviam aparecido antes do desenho citado por Gottfredson. A primeira e única vez em que apareceram apenas dois ratinhos foi no desenho **Mickey’s Steam Roller**, lançado em 16 de junho de 1934. Mas no desenho **Giantland**, lançado em 25 de novembro de 1933, vários ratinhos se juntam para ouvir uma história de Mickey baseada em *João e o Pé de Feijão*. Gottfredson adaptou essa história para as páginas dominicais a partir de 11/03/1934, trazendo para os Quadrinhos o monte de ratinhos, incluindo um bebezinho, isso depois de já ter definido apenas dois filhos para a senhora Fieldmouse. Os dois “sobrinhos” voltam na página dominical de 31/03/1935 e são finalmente chamados de Morty e Ferdie por Mickey.

Nas tiras diárias, os “sobrinhos” só apareceram em 14/04/1939.



Primeiro quadro das páginas dominicais de 11/03/1934 e 31/03/1935 e segundo quadro da tira de 14/04/1939.

QUAL O PRIMEIRO *TARZANIDE* DOS QUADRINHOS?

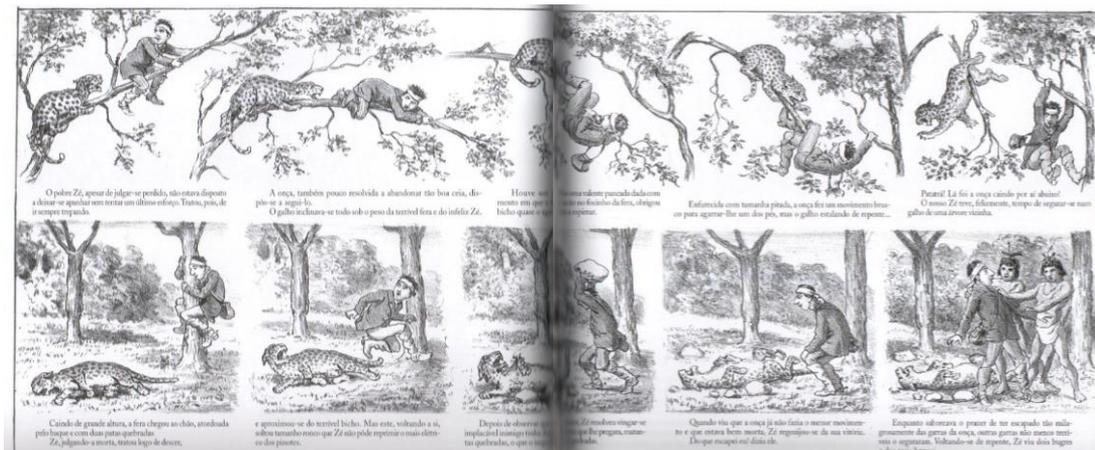
Francisco Dourado

Levando em consideração que uma das características desse tipo de herói é a vida na selva, a primeira imagem que me vem a memória é a da Lupa Capitolina amamentando Romulus e Remus.

Pesquisando no blog de Quim Trussel/Quiof Thrul (Quadripop), a gente se depara com Saturnin, um herói que foi criado por macacos e vive uma aventura rocambolesca ao redor do mundo. No decorrer da história, vários personagens de Jules Verne cruzam o caminho do herói. Trata-se de um romance ilustrado, escrito por Alber Robida, com 808 páginas e 450 desenhos do próprio autor. O livro é de 1879/1880. É *tarzanide* mas não é Quadrinho. Ainda segundo Quim Trussel, a obra só foi quadrinizada entre 1938 e 1940.

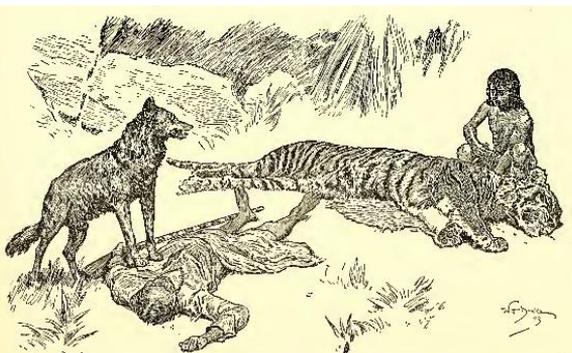


Em 1886 nos deparamos com esse quase *tarzanide* – o Zé Caipora de Angelo Agostini. A epopeia em Quadrinhos começa em 1883, mais precisamente em 27 de janeiro. Mas só em 1886, a partir do capítulo 13 (de outubro), o Zé se embrenha na selva. No blog que estou escrevendo – HQ Retrô – trato desses e de outros Quadrinhos antigos, o blog foi uma sugestão do Quim Trussel e do Lancelott Martins pra que eu fosse “guardando” minhas pesquisas. Zé Caipora é Quadrinho mas não é *tarzanide*, para isso lhe falta a comunicação com animais, etc. Está repleto de ação, às vezes uma ação meio atrapalhada como esta do capítulo 15 (de dezembro de 1886). No blog ainda estou no capítulo 50 (pois não trato exclusivamente deste personagem), então quem quiser ler toda a história é só acessar a Biblioteca do Senado Federal do Brasil e baixar o livro organizado por Athos Eichler Cardoso.



Seguindo adiante, encontramos o Mowgli, publicado em 1895 por Rudyard Kipling. Mowgli, a exemplo de Saturnin, também não é História em Quadrinhos.

1905 (bem antes de Francis Lacassin cunhar o termo) parece ter sido o ano da publicação do primeiro *tarzanide* das Histórias em Quadrinhos. A história saiu na revista **La Jeunesse Illustrée** nº 126, de 23 de julho de 1905. Esta revista francesa com toda certeza foi uma das fontes de **O Tico-Tico**, que republicava as HQs de Benjamin Rabier, Mauryce Motet e Th. Barn (muitas vezes sem a assinatura do autor). **La Jeunesse Illustrée** contava com nomes como Baker (que fazia uma imitação do estilo de HQ do grande Gustave Verbeek) e também com HQs adultas de drama, ação, mistério, terror, ficção científica e de cunho fantástico de Georges Omry, Kotek, Marius Monnier e principalmente de Louis Denis-Valvéreane. Valvéreane parece ser mais conhecido pelos quadros que pintou do que pelas HQs, que não são poucas. E sem mais delongas, aqui vai a história de Simian I – Rei dos Orangotangos.



“MULDEO LAY AS STILL AS STILL, EXPECTING EVERY MINUTE TO SEE MOWGLI TURN INTO A TIGER, TOO.”

N° 126 - 2^e Année - 10 Continues - 23 Juillet 1905.

La Jeunesse illustrée

LE ROI DES ORANGS, par VALVERANE

1. Tout petit, Simian était dit à son habituel de se faire remarquer par sa taille et son apparence qui n'était guère différente de celle d'un singe. Il avait une tête ronde, des yeux noirs et une peau brune. Il était très intelligent et très curieux.

2. Un jour, en touchant l'arbre sacré, Simian était tombé et avait été écrasé par un énorme caillou. Il était mort. Mais son âme s'était envolée et avait été vue par un homme qui se trouvait là.

3. Il avait été vu, le jour de sa mort, par un homme qui se trouvait là. Cet homme avait été très étonné de voir un homme mort et avait voulu savoir ce qui s'était passé.

4. Simian était mort, mais son âme s'était envolée et avait été vue par un homme qui se trouvait là. Cet homme avait été très étonné de voir un homme mort et avait voulu savoir ce qui s'était passé.

5. Simian était mort, mais son âme s'était envolée et avait été vue par un homme qui se trouvait là. Cet homme avait été très étonné de voir un homme mort et avait voulu savoir ce qui s'était passé.

6. Simian était mort, mais son âme s'était envolée et avait été vue par un homme qui se trouvait là. Cet homme avait été très étonné de voir un homme mort et avait voulu savoir ce qui s'était passé.

7. Simian était mort, mais son âme s'était envolée et avait été vue par un homme qui se trouvait là. Cet homme avait été très étonné de voir un homme mort et avait voulu savoir ce qui s'était passé.

8. Simian était mort, mais son âme s'était envolée et avait été vue par un homme qui se trouvait là. Cet homme avait été très étonné de voir un homme mort et avait voulu savoir ce qui s'était passé.

9. Simian était mort, mais son âme s'était envolée et avait été vue par un homme qui se trouvait là. Cet homme avait été très étonné de voir un homme mort et avait voulu savoir ce qui s'était passé.

10. Simian était mort, mais son âme s'était envolée et avait été vue par un homme qui se trouvait là. Cet homme avait été très étonné de voir un homme mort et avait voulu savoir ce qui s'était passé.

11. Simian était mort, mais son âme s'était envolée et avait été vue par un homme qui se trouvait là. Cet homme avait été très étonné de voir un homme mort et avait voulu savoir ce qui s'était passé.

12. Simian était mort, mais son âme s'était envolée et avait été vue par un homme qui se trouvait là. Cet homme avait été très étonné de voir un homme mort et avait voulu savoir ce qui s'était passé.

(Voir la suite page 2.)

2

LA JEUNESSE ILLUSTRÉE

LE ROI DES ORANGS (Fin)

1. « Vi un singe diti l'une das voiz. - Laitim, l'aitim, l'aitim de mort, mais atouté hein, das tentes nos munitas avat per. » Simian, a ce moment, regardait avec stupeur la mer et du côté de l'arbre et son cadavre.

2. Il apprend avec moins d'étonnement que les Chinois ont dressé un navire pierre et lancé la mer de la Sibirie. Les hommes paraissent même un peu de voir entre les établissements hollandais de Bornéo. Les deux matelots s'endorment à l'écart.

3. Simian retourne vers son peuple à qui il fait signe de prendre les armes. Les deux pirates accablés parait et ballonnent sans jets dans leur camp.

4. « Dans lequel pressent ainsi les atipes. Simian était les atipes, reconnaissant le silence à un frémissement dirigé vers le cadavre à l'arbre. L'équipage de navire ne se détacha de rien.

5. A un signal de son roi, l'armée des orangs a envahit le bordage et s'est éparpillé en un clin d'œil sur les arbres, qui sont devenus à fond de rail, solidement installés.

6. Simian revint solennellement possession de son navire. Les singes connaissant déjà la manœuvre, ils obéissent au signal et à l'œil. L'équipage de navire à la voile de l'arbre à sauter Bornéo.

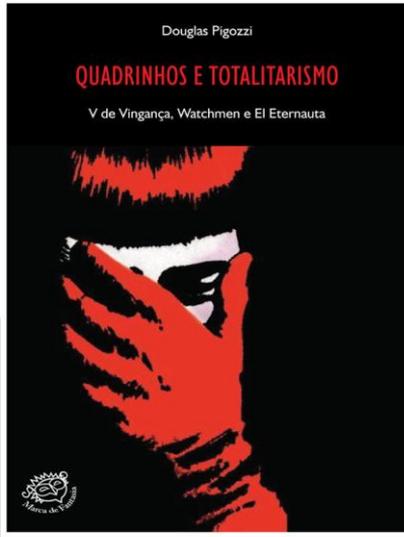
7. Grande est la stupeur dans les établissements hollandais et les villages de singes orangés. Ils reviennent en observant le chef des singes, qui est autre que Simian, de manière à parler au gouverneur.

8. Celui-ci, mis au courant de l'histoire de Simian, le fit donner le commandement de plusieurs navires de la colonie pour aller débarrasser les mers de redoutable pirates orangés.

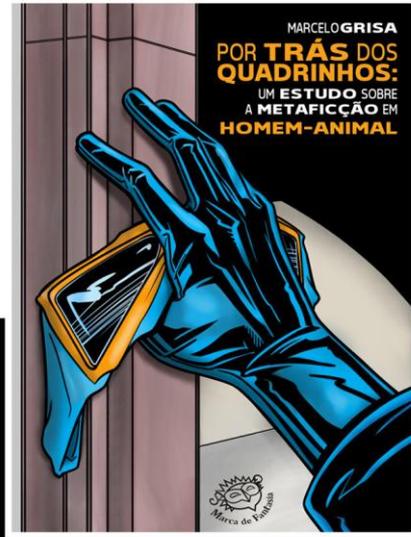
9. Les pirates effrayés en priant, Simian ramène les singes dans leur île. Tous les ans il se fait une voile pour voir s'ils se mangent de rien, et les familles se vont accrot et envolent, parmi les vieillards, manquant à l'appel.

Simian (um trocadilho em francês para símio) foi discriminado desde jovem pela sua aparência, mas não ligava para isso. Com o tempo tornou-se um bom marinheiro e proprietário do navio Garlaban. Certa feita, quando estava tirando uma soneca, foi lançado ao mar por dois tripulantes. Conseguiu se salvar por ser um bom nadador, desmaiou de cansaço na beira da praia e ao recobrar os sentidos se viu em meio a orangotangos. Manteve contato por meio de gestos com o maior deles, foi encaminhado à vila dos orangotangos. Lá Simian preparou uma lareira (ele trazia uma caixa de fósforos no bolso) e talvez por isso – essa “mágica” que lembra um pouco Anhanguera – foi tido pelos primatas como um líder e se autodenominou Simian I. Então ele começa a treinar seus súditos para que eles lutassem e navegassem (em um “simulador de navio”).

Alguns anos se passam e Simian observa dois humanos conversando em um descampado próximo às árvores, reconhece os dois como sendo os mesmos que tentaram matá-lo e descobre que eles tramavam um ataque a Bornéio; volta à vila e convoca os orangotangos para aprisionarem os corsários. É recebido pelos habitantes de Bornéio com muito entusiasmo, o próprio Governador faz questão de o parabenizar e o nomear capitão de várias embarcações da colônia. Simian, depois de tudo isso, continua a visitar seus súditos com certa frequência.



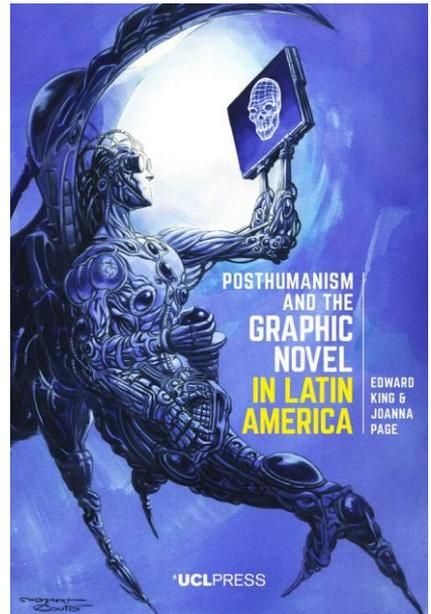
QUADRINHOS E TOTALITARISMO:
V de Vingança, Watchmen e El Eternauta
Douglas Pigozzi



POR TRÁS DOS QUADRINHOS:
um estudo sobre a metaficção em Homem-Animal
Marcelo Grisa

DIVULGAÇÃO ENVIADA POR EDGAR FRANCO

Acaba de sair na Inglaterra o livro “Posthumanism and the Graphic Novel in Latin America”. A obra é de autoria de pesquisadores PhD das Universidades de Bristol & Cambridge, dois dos maiores centros de pesquisa do planeta, e analisa o fenômeno pós-humano em Quadrinhos criados no Brasil, Argentina, Chile, Uruguai e México. Os autores Edward King e Joanna Page dedicaram um dos capítulos do livro às minhas obras, focando na análise de produções artísticas transmídia do universo ficcional da “Aurora Pós-Humana”, dando especial destaque para o álbum em Quadrinhos “BioCyberDrama” – parceria minha com o renomado quadrinhista Mozart Couto, com duas edições lançadas pela Editora UFG, e também para as criações em música eletrônica e as performances híbridas do Posthuman Tantra, mas trataram brevemente de outras obras como as Hqtrônicas e a revista “Artlectos e Pós-humanos” (Editora Marca de Fantasia). O capítulo que analisa as minhas obras é o sétimo, ele foi intitulado ‘Intermediality and Graphic Novels as a Performance’. Os pesquisadores avaliam com propriedade e densidade a concepção de pós-humanismo na minha poética e ideário, detalhando aspectos das paisagens visuais e sonoras de minhas obras, e destaca a FC ciberxamânica proposta por mim como algo originalmente latino-americano, fazendo um paralelo com o movimento da FC africana conhecido como Afrofuturismo. Os autores do livro pediram permissão a mim e Couto para utilizarem na capa da obra uma das artes do álbum de Quadrinhos “BioCyberDrama Saga”.



VENDO REPRODUÇÕES DE CAPAS DE GIBIS CLÁSSICOS



Quadros feitos em 1965, em nanquim e guache.
Emoldurados e com vidro anti-reflexo.
Reproduções desenhadas a mão por Edson Rontani,
o criador do 'Ficção', primeiro fanzine brasileiro.



Capas sugeridas à
RGE por Edson Rontani,
não aproveitadas
na época.
Também estão a venda !



Medidas, formas de pagamento, envio e outros detalhes

edson@erjcomunicacoes.com.br

(19) 9 9148-3702



O BRASIL NO CINEMA EM 2017

Lio Guerra Bocorny

O Cinema e os Quadrinhos, sétima e nona arte, sempre caminharam de mãos dadas. Ambos tiveram início nos primeiros anos do Século Vinte e se firmaram ao longo desse período.

O Cinema ampliou o cenário limitado do Teatro e os Quadrinhos revolucionaram a Literatura, até então privilégio de alguns.

A cultura cinematográfica ficou sumamente enriquecida neste ano de 2017, com o lançamento de três excelentes produções envolvendo o Brasil.

Uma delas enfoca a arte musical através do título **Filhos de Bach**, que na Alemanha teve o nome original de **Bach in Brazil** e na sinopse diz que um professor de música alemão desembarca em Minas Gerais motivado pela vontade de encontrar uma partitura original composta por um dos vinte filhos de Johan Sebastian Bach.

Outro filme importante é **Stefan Zweig – Adeus Europa (Vor der Morgenröte**, no original alemão), que num belo cenário nos traz episódios da vida do notável escritor austríaco, com ênfase nos seus últimos dias na aprazível cidade serrana de Petrópolis.

O último deles é **Z, A Cidade Perdida (The Lost City of Z**, no original americano), que relata a história do explorador Percy Harrison Fawcett, que vai atrás de uma cidade de ouro na Amazônia.

Quem tiver a oportunidade de conferir esses filmes que se desenrolam em três épocas diferentes e em três regiões distintas, além de bons momentos, poderá ver nossa Pátria enfatizada por outras nações, revelando nosso povo, nossa natureza e nossos costumes.

Esse interessante enredo da Cidade Perdida foi tema da **Edição Maravilhosa** nº 170, de agosto de 1958, com o título de *O Mistério da Expedição Fawcett*. A quadrinização foi baseada na obra de Edmar Morel, **...E Fawcett Não Voltou**. Os desenhos, tanto da capa como do texto, foram feitos por Ramon Llampayas, excelente ilustrador espanhol que adaptou várias obras de Jorge Amado e de outros escritores brasileiros.

Essa expedição tão misteriosa alcançou repercussão no mundo inteiro, merecendo o seguinte comentário de um dos mais brilhantes brasileiros, Cândido Mariano da Silva Rondon: “...É um impressionante documentário sobre o destino de um homem que sonhava localizar uma cidade de outro em plena selva de Mato Grosso...”.



ZORRO ERA MAÇOM?

E. Figueiredo

Don Diego de La Vega!

Para os fãs do Zorro, personagem criado pelo escritor norte-americano Johnston McCulley (1883-1958), cuja história foi várias vezes filmada, o nome de Don Diego de La Vega soa familiar. Zorro é um personagem de ficção, criado em 1919. Ele é apresentado como alter-ego de Don Diego de La Vega, um homem membro da aristocracia da Califórnia espanhola, em meados do Século XIX, durante a era do domínio mexicano, entre 1821 e 1846. O herói mascarado é apresentado pela primeira vez na revista norte-americana chamada **All Story Weekly**, com o nome de *The Curse of Capistrano* (*A Maldição de Capistrano*) e logo conseguiu alcançar grande sucesso.

Diferentes gerações, em distintas regiões e circunstâncias culturais, têm-se empolgado com as proezas difíceis e arrojadas do ágil herói de rosto vendado, de capa e espada em punho. O enredo mostra Don Diego retornando da Europa, depois de um longo período de educação, e encontra o povo da Califórnia passando por agruras. Frente a essa situação, passa a defender os fracos e oprimidos sob uma máscara e uma capa preta, empunhando uma espada e cavalgando um cavalo também negro, de nome Tornado. O ar altivo, a espada na mão, chapéu e a capa ajudam a criar a imagem de mistério. Quem seria o herói solitário e desconhecido que ali se esconde e intervém nos momentos em que a justiça dos homens falha? A figura passaria a ser chamada de Zorro pela população, porque seus movimentos e sagacidade lembrariam uma raposa (a tradução em português da palavra ‘zorro’ em espanhol). Zorro adota a letra ‘Z’ como sua assinatura (três linhas cruzadas) marcando-a com sua espada em paredes, nas roupas de seus inimigos, como sinal de sua presença. Sem a máscara, a capa e a espada, ele simula ser um homem que se acovarda diante de situação de perigo. O autor procura dar ao personagem as características de, além de um bandido mascarado, um defensor da população da Califórnia contra os governos tirânicos, opressores, corruptos e outros vilões. Ele luta pela liberdade!



Franco Troncarelli, historiador da cultura italiana, publicou um livro sobre o mito Zorro apontando que ele teria sido Maçom (!). Segundo Troncarelli, o criador de Zorro se filiou à Sublime Ordem e se inspirou nas novelas de outro companheiro Maçom, Vicente Riva Palacio (1832-1896). Cita, também, que a letra ‘Z’ é apenas um símbolo que, inscrito no pentagrama, representa para os Maçons, força moral e honradez. Troncarelli afirma, ainda, que apesar das aparências, Zorro não é simplesmente um homem de ação, mas também um herói que recorre à força para afirmar a cultura e a sabedoria, a exemplo dos princípios Maçônicos. O confronto entre sombra e a luz, enquanto elemento central na definição da experiência Maçônica, tem na vida do herói uma presença efetiva, e ainda que a existência dessa aproximação, na criação do mito, permaneça duvidosa.

A figura do Zorro pode ter sido inspirada na personalidade histórica do mexicano Joaquin Murieta (1829-1853), uma celebridade lendária na Califórnia durante o período da febre do ouro. Dependendo do ponto de vista, era um bandido ou um patriota mexicano. Para alguns ativistas políticos, o seu nome tem simbolizado resistência latino-americana ante a dominação econômico-cultural dos britânicos nas terras da Califórnia da época.

A letra ‘Z’, com seu sentido de resplendor, uma alusão à sua Luz Criadora, aparece estampada no avental do Grau 4 (Mestre Secreto). É a inicial da Palavra de Passe, que por sua vez também é uma espécie de chave que abre a Loja ao Mestre Secreto. Durante os trabalhos, todos os presentes deverão estar vestidos de preto.

A simbologia, pois, do Zorro com a Maçonaria (Máscara, a letra ‘Z’ e as indumentárias negras) estão presentes na ritualística Maçônica.

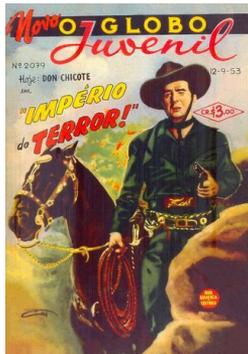
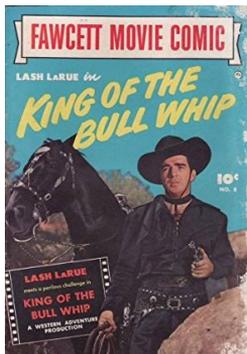
E o verdadeiro Maçom tem o espírito de ZORRO !!!



FÓRUM

QUIOF THRUL
quioft@gmail.com

Depois de mandar os e-mails anteriores, descobri que a quadrinização de “King of the Bullwhip” foi publicada em “Novo O Globo Juvenil” n° 2079 (setembro de 1953) com o título ‘Império do Terror’. A capa é assinada pelo Gutemberg Monteiro, inspirada na capa da “Fawcett Movie Comic” n° 8.



Em resposta ao Abelardo Souza, em maio de 2015, o colecionador e editor Kendi Sakamoto anunciou, no programa Quadrinho para Quadrados e Redondos, da TV Geração Z, que republicaria o livro “Quadrinhos para Quadrados” do Diamantino Silva, mas até o momento não houve nenhuma nova notícia. Pela editora Laços, Diamantino publicou em 2007 “No Tempo das Matinês – Emoções no Cinema de Bairro”, escrito por ele, o próprio Kendi e Umberto Losso.

Na matéria ‘Mistura de Estilos’, lembrei que certa vez visitei o site I.N.D.U.C.K.S, a base de dados de Quadrinhos Disney pelo mundo e vi que o Papai Noel ora é humano, ora é um cão com aquele nariz redondo. Em 1994, a Archie e a Marvel publicaram um crossover entre a Turma do Archie e o Justiceiro. Enquanto Archie foi desenhado pelo Stan Goldberg, o Justiceiro foi desenhado por John Buscema. Acho que essas ideias de misturar humanos com personagens animais cartunescos vêm daqueles filmes onde atores contracenavam com personagens animados.

Em 2015, a editora Mythos publicou “Groo versus Conan”, desenhado por Aragonés e Thomas Yeates.

O José Menezes citou o herói inspirado no sabonete Piex, me lembrei da série ‘Lever no Espaço’, lançada em 1957 pela TV Tupi com patrocínio do sabonete Lever (atual Lux), através da Lintas do Brasil, uma empresa da própria multinacional Unilever.

O jornalista e cartunista Rafael Spaca, autor dos livros “O Cinema dos Trapalhões – Por Quem Fez e Por Quem Viu” (Laços, 2016) e “As HQs dos Trapalhões” (Estronho, 2017) tem entrevistado quadrinhistas brasileiros para o blog da revista “Bravol!” na plataforma Medium. Já foram publicadas entrevistas de Bira Dantas, Júlio Shimamoto, Jaguar, Marcelo Quintanilha, Cynthia Bonacossa, Adão Iturrugarai e João Spacca, que é primo dele (apesar da grafia diferente do sobrenome).

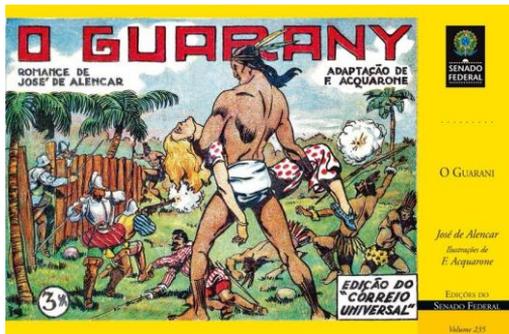
<https://medium.com/tag/rafael-spaca/>

No final de junho, o Senado Federal publicou em sua página que estava lançando um fac-símile da primeira adaptação de “O Guarani” de José de Alencar (o romance brasileiro mais adaptado para os Quadrinhos) feita por Francisco Acquareone em 1937 para o “Correio Universal”.

Para produzir o fac-símile, foi usado um exemplar de propriedade de Athos Eichler Cardoso (grafado como Atos Eichler). O livro custa R\$ 10,00 e até o momento o frete é gratuito. Também disponibilizaram para dowload gratuitamente no site. Algumas pessoas reclamaram de aviso de vírus, eu não tive problema, contudo vale a pena comprar a versão impressa. O Senado também disponibilizou para download os dois livros do Athos, “As Aventuras de Nhô Quim & Zé Caipora: Os Primeiros Quadrinhos Brasileiros 1869-1883” e “Memórias d’O Tico-Tico: Juquinha, Giby e Miss Shocking”.

<http://livraria.senado.leg.br/o-guarani-vol-235.html>

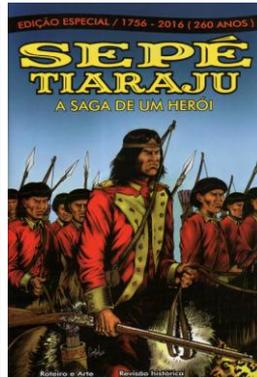
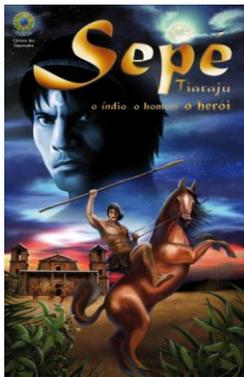
<http://livraria.senado.leg.br/memorias-d-o-tico-tico.html>



“O Guarani” é o único álbum do “Correio Universal” que tenho. É um trabalho muito bom, mas sua impressão tem uma característica interessante. Em algumas páginas, alguns quadrinhos são impressos em outra cor, ou vermelho, ou verde, ou azul. Não a página toda em outra cor, alguns quadros são em cor diferente, enquanto o restante é em preto. Ou seja, a folha passou 2 vezes na impressora para cada quadro ter apenas 1 cor.

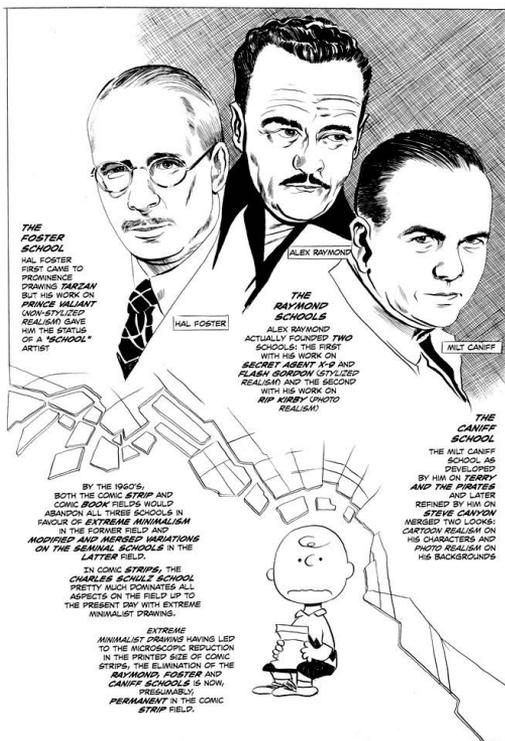
Em 2010, a Câmara dos Deputados distribuiu em escolas e bibliotecas a HQ institucional “Sepé Tiaraju – O Índio, o Homem, o Herói”, roteirizado por Luiz Gatto, ilustrada por Plínio Quartim, com arte-final do próprio Quartim, Mateus Zanone, Bruno Primo e Pedro Ernesto, e cores de Mateus Zanone, que também foi disponibilizada gratuitamente para download.

<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/4384>



No ano passado, o autor Clayton Cardoso, da cidade de Santo Ângelo (RS), produziu por conta própria o álbum “Sepé Tiaraju – A Saga de um Herói”, em preto e branco, com um desenho bem caprichado. O próprio Clayton está vendendo o álbum no MercadoLivre.

Mudando de assunto, deixo essa arte do Dave Sim para a sua revista "Glamourpuss" nº 2 (julho de 2008) com os três artistas mais influentes das tiras de aventura, Hal Foster, Alex Raymond e Milton Caniff.



(ODDLY ENOUGH PEANUTS DEBUTED ON 2 OCTOBER 1960, ALEX RAYMOND'S 41ST BIRTHDAY, HAPPY BIRTHDAY, ALEX! YOUR SCHOOL OF ART IN YOUR CHOSEN MEDIUM YOU HELPED PIONEER IS TOAST!)

JOSÉ RUY

Praceta de São Braz, nº 3, piso 5 – Amadora – 2700-799 – Portugal

Recebi o seu famoso fanzine “Q1” que muito agradeço. Vou ler com cuidado e depois lhe direi. Que iniciativa brilhante, a edição em Quadrinhos do José Pires, amigo e colega que muito admiro. É um trabalho muito digno e de interesse, mas que não tem tido a atenção dos editores em Portugal. Não se edita porque não se vende, mas não poderá ser vendido se não for posto à venda. É um círculo vicioso de alterar. Nem sei porque ainda vejo os meus trabalhos editados. Parabéns pelo resultado do seu esforço e da qualidade do que edita.

Pois vi já com atenção o seu belo fanzine “Q1” 145. A capa tem, além da mensagem sempre humorística, a técnica de claro escuro muito bem conseguida. Depois o toque personalizado em cada exemplar torna a edição preciosa: para quem sabe apreciar.

O “querido” Milton Caniff continua em força no “Q1”. Por acaso também eu o apresento nesta nova série (publicada no BloguedeBD), que está pronta desde o início de 2016, sob outras perspectivas. É um autor da minha preferência, desde os anos 1940.

Fico satisfeito e até admirado do interesse no Brasil do “Tintin” edição de Portugal, segundo verificado pela missiva do Gaspar Eli Severino no ‘Fórum’. Esta rubrica tem muito interesse, é uma espécie de diálogo entre público e colaboradores, o que proporciona uma constante e agradável troca de opiniões.

Sobre o encarte, já me pronunciei: de 1 a 10... marco 15.

Quanto a aproveitar algo dos artigos que agora o BDBD Blogue começa a publicar, disponha à vontade.

JOSÉ SALLES

C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970

Que disposição! Em duas semanas recebi 4 edições suas: “Filmes Antigos” 6, “Gibi do Herói Nacional” 1, “Gibi dos Super-Heróis” 1 e o especial de “Gibi do Faroeste”, tudo ótimo. Para mim o grande destaque é o “Gibi do Herói Nacional”, naturalmente. E nesse número o destaque para mim é o Titan, que não conhecia direito, acho que só de ouvir falar. O especial do “Gibi do Faroeste” é bem interessante, com histórias menores que a RGE comprava em lotes. Mas acabei não entendendo se essas histórias foram ou não publicadas pela RGE. E no caso de não terem sido, como foram preservadas? O Menezes as guardou?

Acho que não comentei em relação ao último “Gibi do Faroeste”, que trouxe uma HQ do ‘Homem do Rifle’. Este era um seriado de TV que eu não gostava. Ora, o cara era alto, feio, tinha filho e não usava cinturão... vai ser ‘mocinho’ assim em outro canto... É interessante como algumas séries não eram feitas para a molecada e sim para um público mais adulto. A molecada, digo por mim, não aceitava nem cinturão com um revólver só. Mesmo o ‘Bonanza’, que enfatizava bastante a vida familiar, eu já tinha ressalvas.

A respeito do fanzine do faroeste da RGE, de fato foi o José Menezes quem as guardou, e não pôde confirmar se foram publicadas ou não – na quarta capa do zine eu tento explicar resumidamente esse assunto, por isso escrevi que nem todas haviam sido publicadas.

Puxa, eu gostava muito do ‘Bonanza’, e também do ‘Homem do Rifle’. E vim a gostar ainda mais quando as revi depois de adulto! Os episódios passam valores indispensáveis para a vida em sociedade, exatamente tentando respeitar o vasto público infantil que assistia a esses seriados. Tudo muito diferente dos seriados de hoje, onde só se vê personagens neuróticos, depravados, drogados, etc.

HENRIQUE MAGALHÃES

Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180

Muito obrigado por colocar o “Q1” 145 à disposição dos leitores, além do 134 com o encarte. Logo envio o 133. Quanto ao encarte do 145, como é uma edição maior e ficou bastante pesada, não vou enviar. Ficará como um brinde apenas para os assinantes da versão impressa. Acho que manterei isso nos próximos e também nos anteriores. Encartes menores como os artigos do Carlos Gonçalves, eu envio a versão digital, os maiores como as ‘Pequenas Bibliotecas’, ficarão apenas para os assinantes.

Agradeço também você estar publicando ‘Ju&Jigá’, já que eu não consegui ainda retomar o ‘cotidiano alterado’. E não é por falta de ideias, ao contrário, estou com ideias que acho muito boas, mas meio difíceis de desenhar, aí deu uma travada que já vai assoprar a primeira velinha. Mas é de meu interesse continuar produzindo o ‘cotidiano alterado’.

Entendo bem, Edgard, o travamento na produção. Eu tenho várias tiras e pranchas de ‘Maria’ boladas ou desenhadas e não consigo fazer a arte-final, vivo dando prioridade à edição de livros de outros autores (os meus, mesmo, estão parados). É um prazer publicar ‘Ju&Jigá’, que gosto muito, mas também adoro o ‘cotidiano alterado’. O espaço é seu.

Sobre a publicação dos encartes, se quiser publicar os mais pesados, para mim não tem problema, meu plano de hospedagem na internet é sem limites.

Viu meu projeto de Mestrado Livre em Histórias em Quadrinhos? Vou apresentá-lo nas Jornadas da USP, para discussão.

ARTHUR FILHO

R. Espírito Santo, 232/02 – Porto Alegre – RS – 90010-370

Recebi o “Q1” 145, muito obrigado. Sempre recheado de material interessante. Mais o complemento “As Asas da Coragem”, caprichado. Teu trabalho vale parabéns, segue na estrada. Estamos preparando a edição 27 da “Billy The Kid & Outras Histórias”.

Recebi, sem esperar, o “QI” 145. Agradeço pelo envio. Muitas informações e curiosidades, coisas que agradam ao leitor de Quadrinhos. Li em uma resposta sua a um leitor, que os detalhes em cores nas capas do “QI” são feitos à mão, o que evidencia a sua paixão pelo que faz.

Quanto à divulgação do “Replicoide” no “QI”, você pode fazer, se desejar, para informar de sua existência. O que precisa ficar claro para o leitor é que não poderemos atender a pedidos, visto que a tiragem é limitadíssima e dirigida. Conforme já comentei antes, a gente faz por prazer e não para angariar lucros. Enfim, não queremos ter problemas por causa de direitos autorais.



No ano passado foi publicado um texto no blog ‘Submundo-HQ’, que gerou algumas discussões e me fez escrever para eles. Você pode tirar algumas informações daí, se quiser divulgar.

Reproduz o seguinte o texto que saiu no blog.

Replicoide – O que é afinal? Trata-se de um fanzine, feito por um grupo de colecionadores (16 para ser exato), com a proposta inicial de distribuir os exemplares apenas entre eles. A ideia surgiu num encontro destes colecionadores, onde cada um exaltava as “raridades” que possuía em sua coleção, deixando os demais com um pouquinho de “inveja”. Foi quando surgiu a proposta de fazer algumas réplicas (daí o nome do fanzine) dos itens raros ou esgotados de cada um e distribuir entre os demais interessados do grupo. Porém, de uma simples réplica em fotocópia da publicação original, a proposta avançou para o formato de fanzine, onde as histórias seriam traduzidas para o português (visto que a maioria das histórias nunca foi publicada no Brasil), com o acréscimo de algumas matérias relacionadas, biografias, etc. Cada um ficou com uma tarefa (digitalização, tratamento da imagem, letreiramento, tradução, acabamento, matérias, etc.) e a despesa com papel, tinta e outros itens menores seria rateada entre o grupo. Então, surgiu uma nova proposta, de se fazer uns exemplares a mais, para o caso de haver algum interessado de fora do grupo, o que ajudaria no custeio do papel e tinta. Assim foi feito e alguns exemplares foram trocados em sebos e lojas por outros quadrinhos, ficando à disposição de quem tivesse interesse por eles. Com relação ao fato de considerarmos o “Replicoide” um fanzine, nos baseamos, entre outros, no livro “Fanzine”, de Edgard Guimarães (quadrinhista e editor de inúmeras publicações independentes), pela Marca de Fantasia e disponível para aquisição no site da editora.

Alguns trechos do livro:

“De um modo geral, o fanzine é toda publicação feita pelo fã. Seu nome significa literalmente “revista do fã” (fanatic magazine). São fanzines as publicações que trazem textos diversos, histórias em quadrinhos do editor e dos leitores, reprodução de HQs antigas, poesias... enfim, tudo que o editor julgar interessante.”

“Fanzine é revista, ou seja, uma publicação impressa em que cada leitor pode ter seu exemplar.”

“Há vários motivos que levam uma pessoa a fazer um fanzine. Muitas vezes o editor deseja compartilhar com outros interessados o material de sua coleção.”

“Embora, de um modo geral, os fanzines sejam edições mais modestas quanto à forma, pois dificilmente seu editor tem recursos financeiros para custear edições mais caras, regularmente aparecem verdadeiros álbuns no meio independente. A apresentação com alta qualidade gráfica não descaracteriza o fanzine, pois continua sendo uma edição feita com espírito independente.”

“Uma característica bastante presente é a republicação de material de outras publicações. A maior incidência é de histórias em quadrinhos antigas retiradas de revistas das décadas passadas, histórias em quadrinhos estrangeiras não publicadas no Brasil, textos e reportagens tirados de revistas, livros e jornais antigos ou atuais, etc.”

“Esta atitude poderia ser chamada de pirataria, e muitos editores até se referem a ela por este nome, pois o termo tem um apelo romântico desde os romances de corsários de séculos atrás. Assim, o nome “pirata” tem aparecido em títulos de fanzines, nomes de seções e mesmo em pseudônimo de editor. No entanto, para desilusão dos românticos, esta atitude dos editores não tem nada de contração. A edição de fanzines não é uma atividade em que o editor, ao republicar material de autoria de outros, estivesse obtendo benefícios às custas destes trabalhos. Pelo contrário, são raros os fanzines em que a receita consiga alcançar as despesas, sendo que muitas vezes a distribuição dos exemplares é gratuita para um círculo de amigos.”

“O que move o editor de fanzine é o desejo de compartilhar com outras pessoas todo tipo de material a que teve acesso e considera importante a divulgação a outros interessados. Dentro deste espírito, muitas vezes o editor realiza verdadeiras expedições arqueológicas para trazer a público, ainda que infelizmente a um público muito reduzido, verdadeiros tesouros perdidos em publicações há muito esquecidas. O ponto central da questão é que os fanzines, de forma desinteressada, têm feito um serviço de resgate e difusão de aspectos da cultura muitas vezes negligenciados tanto pelas empresas editoras quanto pelos órgãos governamentais.”

Resumindo, a gente se diverte e faz tudo de maneira artesanal, com cada um colaborando como pode. Informações como nome de editora, de gráfica, código de barras, local de impressão, etc., são todos fictícios, incluídos apenas para dar “um charme” à publicação e torná-la visualmente mais parecida com uma publicação “normal”. Chega a ser risível o comentário de que alguns exemplares impressos numa Epson jato de tinta caseira possa abalar o mercado e inibir alguma editora de publicar algum título que julgue atrativo comercialmente.

Comentário feito por um leitor do blog em 15/10/2016

Essa conversa poderia ser verdade 20 anos atrás, mas o mundo é diferente hoje. Com crowdfunding, pequenas tiragens ficaram financeiramente viáveis. Não vejo como os organizadores não poderiam ter falado com os detentores dos direitos, negociado uma pequena tiragem, criado um crowdfunding e produzido tipo uma centena de exemplares com qualidade profissional, que JÁ ESTARIAM PAGOS ao saírem da gráfica (cortesia do crowdfunding) e poderiam até ser vendidos em comic shops com um modesto lucro para os organizadores. Morasse eu aí faria isso!

De tudo que eles lançaram, penso que só o Planeta dos Macacos não seria viável dessa forma, já que os direitos estão com estúdios de cinema. O resto, fora Dylan Dog, é material AUTORAL! Literalmente estão negando dinheiro para o pessoal que produz as histórias! Sommer, Segura e Ortiz já faleceram, mas Renzo Calegari tem quase 90 anos e sérios problemas de saúde, poderia usar o dinheiro! Recentemente a Mondadori fez uma nova edição italiana de “Welcome to Springville” EXATAMENTE para canalizar os proventos para os tratamentos de Calegari! São caras como esses que estão sendo prejudicados, não uma editora sem rosto! E, pombas, Gonsales é um autor brasileiro em atividade e com uma pilha de álbuns publicados e disponíveis para venda. Acho que a possibilidade dele querer republicar esse material em um futuro próximo não deveria ter sido descartada assim tão facilmente.

Resposta de Fiesmot Singh em 17/10/2016

Eu falo em nome do “Replicóide”, formado por um grupo de colecionadores e amantes de quadrinhos. Gostamos principalmente de obras europeias e argentinas, que raramente fazem sucesso (infelizmente) aqui no Brasil. Possuímos centenas de títulos em francês, italiano, inglês e espanhol (físicos, não scans) que dificilmente serão publicados comercialmente por aqui. Quem leu o “editorial” da primeira edição do fanzine, deve ter entendido que o nosso objetivo principal era colocar as obras e autores em evidência na rede social, para que surgissem discussões produtivas que de algum modo chamassem a atenção de algum editor com “bala na agulha”, que tivesse condições de lançar algumas destas obras em nível comercial aqui no nosso país. Ingenuidade? Possivelmente. Mas quem gosta verdadeiramente de qualquer assunto sabe que é prazeroso estar envolvido com ele. E o nosso assunto são “quadrinhos”. Mas o que motiva as pessoas a fazer um fanzine? Como disse Edgard Guimarães, especialista no assunto, pode ser apenas “o desejo de compartilhar com outros um assunto em comum, ajudando a divulgar obras e autores”. Não somos ingênuos a ponto de não saber o significado de “propriedade intelectual” ou “direitos autorais”. Mas entendemos que isso não se aplica ao fanzine. Em nenhum momento visamos ter lucro, mas também não podemos ter prejuízo, visto que nenhum de nós é rico. O valor arrecadado com os pouquíssimos exemplares extras que deixamos em alguns “sebos” serve apenas para ajudar no custeio do papel, da tinta e da despesa do correio com os exemplares que enviamos gratuitamente a alguns blogueiros. Em vez de “prejuízo aos artistas”, como foi citado por você, entendemos que o fanzine pode ajudar a colocar em evidência as suas obras, dando um mínimo de chance de serem conhecidas e, quem sabe, publicadas por uma grande editora. De outro modo, quem atualmente estaria falando sobre Morgan, Hombro, Mortadelo ou Frank Cappa? Você não acha que estas obras, muitas criadas há mais de 30 anos e sem muita perspectiva de divulgação, podem se beneficiar com estas discussões? Ou você não acredita no poder de divulgação e disseminação das redes sociais? O caso é que você afirmar que nós “estamos negando dinheiro para o pessoal que produz histórias”, ou que “Calegari está com graves problemas de saúde e poderia usar o dinheiro!” soa um pouco sensacionalista. O lucro eventualmente obtido com a venda de 25 exemplares do fanzine certamente não iria melhorar a vida de nenhum artista. Por fim, pedimos que desarme o seu espírito e procure ver o lado bom das coisas, perceber o que está por trás desta iniciativa. O que muitos julgam ser prejudicial, pode ser exatamente o contrário.

O leitor que se deu ao trabalho de escrever ao blog tem suas opiniões cristalizadas, o que se traduz por uma valorização absoluta do profissionalismo e um desprezo ao amadorismo (que é a essência do fanzine). Para ele, tudo deve ser tratado comercialmente, tudo deve ser fonte de renda para o autor profissional. Não é bem assim. O autor profissional deve entender (e muitos entendem) que além da editora que lhe deve a remuneração, há o leitor que sustenta esse mercado, e esse leitor não é a coisa amarga que deve comprar o produto e ficar quieto. Parcela desses leitores procura sair da passividade e uma forma é a produção de fanzines. A atitude do fanzineiro é de reverência aos seus ídolos, e isso inclui a reprodução “não autorizada” e “não remunerada” dos trabalhos desses autores e suas criações.

Em relação ao “crowdfunding”, é impressionante como o mundo mudou nesses 20 anos e continua a mesma coisa. Sempre aparecendo uma “panácia” que resolve todos os problemas. Aparentemente, basta colocar uma edição em “crowdfunding” e os leitores vão “sair no tapa” uns com os outros para reservar seu exemplar. Talvez algum leitor mais bem informado sobre o assunto possa nos dizer qual a eficácia do “crowdfunding”. Inclusive se é um sistema vedado a algumas regiões geográficas.

Sobre a facilidade de conseguir um contrato com os autores para pequenas tiragens, reproduzo a seguir textos publicados no “bloguedelos300” sobre a batalha de Manuel Caldas para renovar o contrato com a King Features para continuar publicando sua coleção em espanhol de Príncipe Valente. O texto original está em espanhol, a tradução foi atrevidamente meu.

HAVERÁ NOVO VOLUME DE “PRÍNCIPE VALIENTE”?

Depois de 12 volumes publicados, se publicará o seguinte?

Pouco depois de ter publicado o 12º volume de “Príncipe Valiente”, os responsáveis pela edição contactaram a King Features para, seguindo a prática habitual, fazer um contrato de 3 novos volumes. A essa altura, Manuel Caldas estava trabalhando já na restauração das páginas necessárias para o 13º volume, entusiasmado e desejava de completar a tarefa e ver publicado o fruto de seu trabalho (e de Hal Foster, claro).

A resposta da King Features veio como a lâmina da Espada que Canta: “o número de exemplares vendidos é tão pequeno que, sinceramente, não vemos razão para seguir publicando.”

Em que estado de ânimo creem que ficou Manuel Caldas, o homem que tanto e tanto tempo de sua vida tem dedicado à tarefa de apresentar ao mundo a melhor edição de “Príncipe Valiente”?

E que interessa a King Features quantos exemplares se vende se a editora sempre paga em sua totalidade e adiantado os direitos correspondentes à tiragem contratada? Uma tiragem que é de 600 mas da qual ainda sobra a metade enquanto não se publica dois ou três mais. Não deveria ser do interesse dos da King Features, mas pelo visto foi. Então era necessário convencê-los do contrário, de que pouco a pouco, mês a mês, ano a ano, se acabam vendendo quase 400 exemplares; que as vendas são tão lentas porque do exército dos 300 imprescindíveis, muitos são demasiado despreocupados, ou estão com problemas econômicos... Que sei eu? Pode haver muitas razões e ao editor não resta mais do que se submeter a elas, mas se ainda assim quer seguir publicando, é porque crê que vale a pena.

Vocês já sabem, vocês que seguem Manuel Caldas nesta aventura editorial de quase 10 anos, que o português não pode deixar incompleta a realização de seu sonho. Qual creem que terá sido a conclusão do conflito entre quem quer, APESAR DE TUDO, seguir publicando e quem não vê razão para isso?

HAVERÁ NOVO VOLUME DE “PRÍNCIPE VALIENTE”!

Sim, a melhor edição de “Príncipe Valiente”, a que do gênio de Hal Foster dá a melhor imagem, vai continuar. Mais: o 13º volume já está sendo impresso.

E os que esperavam a notícia exclamarão: “Já sabia que no final o Manuel Caldas iria conseguir!” Pois não, ninguém sabia antes de sabê-lo. É que o contrato se conseguiu não porque Manuel Caldas é boa gente e não desiste. Se conseguiu porque na King Features lhes deram na telha. Mas durante dois meses se esteve em total suspense, pois poderia simplesmente não lhes dar na telha, como aconteceu anos atrás depois de publicados os volumes 1 a 6.

E aos que creem que a King Features só pensa em dinheiro, digo que se equivocam, pois a razão não foi essa. E o pior é que não se sabe qual foi a razão para dizer “não”. Ou melhor, aparentemente se sabe, pois disseram: “o número de exemplares vendidos é tão pequeno que, sinceramente, não vemos razão para seguir publicando”. Mas isto explica algo? Claro que não.

A experiência estressante de Manuel Caldas mostra bem como se comportam os detentores de direitos autorais em todo o mundo. Não têm o menor interesse em atender a um número pequeno de leitores. E olhe que para a King Features, 600 já é um número pequeno. O que diria se um grupo de colecionadores a contactasse para fazer um contrato para a publicação de uma tiragem de 25 exemplares?

Talvez o leitor ache que a implicância dos que colocam o “direito autorai” como um valor absoluto seja apenas com os editores de fanzines. Na década de 1980, participei de um Congresso de Ficção Científica na cidade de Sumaré, interior paulista. Um dos convidados, um autor norte-americano já renomado, mesmo sendo um “autor”, criticou as editoras norte-americanas que estariam, segundo ele, movimentando-se contra as bibliotecas, pois, afinal, um livro comprado por uma delas seria lido por vários leitores, que não comprariam o livro, “prejudicando” a editora. Hoje, no Brasil, o programa do governo que compra grandes tiragens de livros para suprir as bibliotecas públicas é louvado pelos editores, que se atacam para ter seus livros incluídos no programa.

Pelo menos até agora, os remelentos que na década de 40 e 50 trocavam seus gibis nas portas dos cinemas não foram execrados.

JOSÉ AUGUSTO PIRES

R. Dr. Carlos Mascarenhas, 107, 4º esq. – Lisboa – 1070-082 – Portugal

A sua edição das “Asas da Coragem” ficou supimpa e mal se nota a diferença entre as páginas novas e as mais antigas (o preto e branco tem essa vantagem). Pena que não pudesse ter sido a cores, mas a imagem da contracapa é bem demonstrativa. Acabei de receber uma missiva do meu velho amigo José Ruy, que muito agradado ficou com o excelente da sua edição.

PEDRO JOSÉ ROSA DE OLIVEIRA

R. Helianto, 53/101 – Belo Horizonte – MG – 30421-194

Tenho uma dúvida que queria tirar com você, pois talvez você saiba. Os Cartões de Identidade saíram em 8 Almanques da Ebal em 1971. Cinco almanques da Ebal de 1970 têm na capa o termo somente “cartões de super heróis” como brindes. Esses cartões seriam os cartões postais? Foram 4 por almanque? Se realmente forem 4, dariam 20 cartões postais, mas pelos meus registros saíram mais de 20 postais da Ebal. O que sabe sobre isso?

Eu não tenho informações seguras sobre esse assunto, envie a pergunta ao Cesar Silva, que já colecionou esses brindes e a resposta dele está logo a seguir. O que sei a respeito é o seguinte.

Começando por 1971. São 8 almanques que trouxeram, cada um, 4 Cartões de Identidade dos Heróis. São os Almanques “Superman”, “Superboy”, “Batman”, “Tarzan”, “Zorro”, “Reis do Feroeste”, “Homem-Aranha” e “Invictus”. Esses cartões não são cartões postais, eles têm a metade do tamanho da revista com a imagem do herói na frente, alguns dados fictícios e a biografia do personagem no verso. São numerados e vão até o número 32.

De 1970, eu tenho 4 almanques que têm escrito na capa “4 cartões dos heróis”, mas não tenho nenhum dos cartões. Pelo que vi na internet, esses cartões têm apenas uma imagem de herói na frente e o verso é em branco. Talvez tenham 1/4 do tamanho da revista. Consultei todas as capas de almanques no site guiaebal.com e achei a inscrição na capa em apenas 5 deles: Almanques “Superman”, “Superboy”, “Batman”, “Tarzan” e “Zorro”. Em 1970, não houve Almanque “Reis do Feroeste” nem “Homem-Aranha”. Houve “Invictus”, mas não trouxe o aviso na capa.

CESAR SILVA

R. dos Vianas, 500, ap.71 – S. Bernardo do Campo – SP – 09760-000

Há alguns anos tentei completar a coleção de cartões, mas não me empenhei devido a grande dificuldade de obter o material e o baixo significado, são feios e trazem informações tolas.

Não sei exatamente quando e em quais edições saíram. Só tenho mesmo os de 1971, e também não tenho todos. Os que lhe mandei eram desse mesmo ano. Dei uma olhada no MercadoLivre e esses cartões são oferecidos por valores razoavelmente altos. Não sei se alguém compra; eu não compraria.

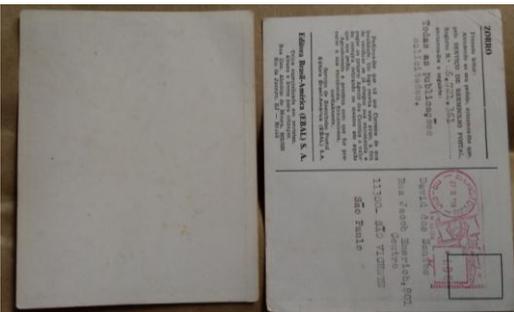
Mas aparecem, em meio a eles, uns cartões que nunca vi. Não são cartões de identidade, mas postais com o desenho do herói na frente e nada além disso. O desenho não está assinado e parece ter sido feito por um ilustrador brasileiro imitando o estilo dos artistas originais. Como aparecem heróis Marvel, não podem ser muito antigos, pois a Ebal começou a publicá-los em 1967, se não me engano. As informações dos vendedores são confusas e contraditórias. Não especificam o ano exato (68? 69?) e nem em que revistas foram encartados. Parecem autênticos, mas seria bom confirmar, pois pode ser material falsificado. Explico: o colecionador Antônio Luiz Ribeiro disponibilizou no Facebook imagens da série de cartões dos heróis. A coleção tem 32 cartões, mas Ribeiro apresenta uma série bem mais longa, com mais de 70 itens, obviamente fake, que agrega personagens que sequer existiam em 1971 (como o Wolverine, de 74, e Luke Skywalker, de 77) e que pertenciam a outras editoras em 1971. Uma brincadeira, obviamente. Mas talvez seja isso que esteja confundindo os colecionadores.

PEDRO JOSÉ ROSA DE OLIVEIRA

R. Helianto, 53/101 – Belo Horizonte – MG – 30421-194

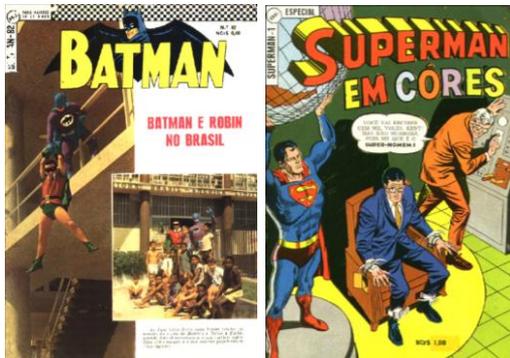
Muito obrigado pela paciência e procura dessas informações. Realmente não tenho dúvida com relação aos Cartões de Identidade que vieram nos 8 Almanques de 1971. Estes são mais fáceis de encontrar informações e comprar. Aqueles que estão no Facebook de Antônio Luiz são brincadeira mesmo.

Minha dúvida inicial é nos cartões que vieram nos 5 Almanques de 1970. Minha teoria é que vieram os cartões postais. Estou enviando as fotos dos cartões que tenho. Veja que tenho um com o número 27, que é com Tom e Jerry. Também envio as fotos de outros diferentes cartões. Um com o verso todo branco (do Tarzan) e um outro que é um cartão resposta (do Zorro), que a Ebal enviava em resposta aos leitores. Desta forma, vejo que existem 3 variações para os cartões de heróis (excluindo os Cartões de Identidade). Tenho dúvida quais destes saíram nos Almanques de 1970. Ainda vou descobrir isso e depois te falo.



Acabei encontrando 2 cartões postais avulsos nas minhas coisas. Não sei onde os consegui. Dei uma boa procurada em minha coleção e acabei achando alguma coisa. Na página 2 de “Superman em Cores” n° 1, de março de 1969, há uma “Conversa do Diretor” que fala dos cartões postais. Diz que naquele número está saindo o primeiro e que a partir daí sairá um em cada revista, o cartão grampeado na capa. Escrevi ao Marcos Morais sobre o assunto e a resposta dele está a seguir.

Basicamente a Ebal só fez estas duas séries de cartões de heróis, esta que você conhece de 32 Cartões de Identidade que saíram nos Almanques de 1971 e a anterior de 1969, que saíram grampeadas nas revistas de 1969 e Almanques de 1970: Nº 1 (Foto da Ebal), Nº 2 (Batman), Nº 3 (Superman), Nº 4 (Supermoça), etc. Alguns destes a Ebal reeditou (Superman, Tarzan) na década de 80 e colocou à disposição (brinde) dos convidados e compradores que compareciam na seção de vendas da editora. Nestes, a parte de trás era lisa (em branco). Também saíram alguns avulsos sem numeração na década de 50 (Mindinho) e 1968 (dois caras vestidos de Batman e Robin, que até apareceram na capa do “Batman” nº 82 da segunda série, aproveitando a febre sadia da Batmania no Brasil, onde passavam os episódios do Adam West e os desenhos da série na TV, que aumentaram muito as vendas do gibi – era Feliz e não sabia). Eles ficaram na Ebal uma semana tirando fotos com a garotada – uma pena que não pude ir.



O Marcos tirou a dúvida sobre os cartões com o verso em branco. Varri o site ‘guiaebal’, procurando em todas as capas onde havia o aviso “Exija o cartão dos heróis grampeado na capa desta revista”, e só o achei em 11 edições. São elas: em março de 1969, “Superman em Cores” nº 1, “Os Justicheiros” nº 19, “O Gavião Negro” nº 18; em abril, “Flash” nº 19, “Os Falcões” nº 21; em maio, “A Legião dos Super-Heróis” nº 7, “Turma Titã” nº 7; em junho, “Supermoça” nº 8, “Quem Foi?” (2ª série) nº 97; em julho, “Aquaman” nº 4, “Judoka” nº 4. Esses 11 cartões mais os 20 que saíram nos Almanques no fim do ano dariam 31 cartões, mas pode ser que os Almanques tenham trazido cartões repetidos. No período em que saíram os cartões grampeados nas revistas, a Ebal publicou outros 21 títulos que não trouxeram o aviso na capa, mas que podem ter trazido o cartão. Continuam as dúvidas sobre quantos cartões saíram e em quais revistas.

Algumas curiosidades. Em março de 1969, duas outras revistas trouxeram brindes, “Papai Noel” (3ª série) nº 45 e “Mindinho” (4ª série) nº 2, mas foram brinquedos para armar.

Há 2 cartões postais com o nº 27, o mencionado com o Tom e Jerry, e um com Fantomas. Este tem no verso um texto avisando sobre o lançamento da revista do personagem em agosto, mas a revista saiu em agosto de 1970. Será que a revista é que atrasou ou este cartão que saiu bem depois?

LUIZ CLÁUDIO LOPES FARIA

Trav. Constantino Pinto, 21/12 - S. José dos Campos - SP - 12211-110

Por aqui, tudo bem, estou tentando terminar meu estágio e TCC, confesso que está difícil! Do “QI” 145, gostei do texto do Lio Guerra Bocorny sobre o nosso amado Mazzaropi, o ‘Fórum’, também com muitas matérias interessantes de Quadrinhos, televisão e cinema, gostei especialmente da matéria do ‘Mantendo Contato’ do Worney Almeida de Souza com o lançamento da “Operação Jovem Guarda”, precisamos apoiar e divulgar esse tipo de iniciativa para que outras possam florescer e surgir.

Destaque vou ser breve e agradecer o “QI” 145 (que foi enviado em junho, fazendo jus ao bimestre, mas que só recebi em julho). Que coisa! Todo mundo tentando emagrecer e cortando gastos, e o “QI” aparece num envelope bem gordinho, com mais páginas e um ‘suplemento’ que até o supera (pois tem as capas coloridas, enquanto o próprio “QI” só tem umas manchinhas amarelas na capa)...

No que consistiu a “cortesia de José Pires”: na preparação dos originais, ou na impressão e envio do “mini-álbum”? Temos de agradecer a ele e a você, de todos os jeitos!

Por um instante, ao abrir o envelope, pensei que o álbum fosse todo colorido, mas mesmo antes que o abrisse tinha certeza que não, pois o custo seria muitíssimo alto. Em todo caso, a inclusão da “pág. 11” em cores permite avaliar como deve ser a história toda em cores.

Interessante que, recentemente, esta mesma história tinha sido abordada num número anterior do “QI”, então já sabíamos sobre ela, mas sua “Introdução” ajudou a lembrar e completou o que era necessário.

O ‘Fórum’ continua animado, e sempre crescendo – e, para mim, é a parte sempre interessante do “QI”.

Será que alguém mais escreveu sobre o momento histórico em que Mickey ganhou os olhos que tem até hoje (22/12/1938)?

Que bom que gostou do encarte do “QI”. O José Pires enviou os arquivos das 30 páginas e da capa e eu montei a edição. Eu ia fazer em fascículos, como havia feito anteriormente com o ‘Buster’, também do José Pires. Depois achei melhor fazer a edição completa. Realmente, a edição toda em cores ia ficar fora de cogitação. Onde mando imprimir, a cópia preto e branco é R\$ 0,10 e a colorida, R\$ 1,00. Simplesmente 10 vezes mais.

Não sei se alguém antes registrou o momento histórico da mudança dos olhos de Mickey, mas o terceiro volume de “Os Anos de Ouro de Mickey”, recém-lançado pela editora Abril, registra o momento histórico que Mickey perde aquela “linha fina e sutil que vinha contornando a parte superior dos olhos”. No último quadro da tira de 26/11/1932, Mickey tem, no primeiro quadro em que Mickey aparece de frente na tira de 28/11/1932, não tem. Mas nas páginas dominicais só foi perder em 8/1/1933.



FRANCISCO DOURADO

R. Itaúna, 4487 – B. Piauí – Parnaíba – PI – 64208-332

Recebi o “QI” 144 (com o brinde, e que brinde!) e também recebi o “QI” 145. Demorei um pouco porque estava preparando um artigo para enviar para você. Os quadrinhos do Faria são o máximo, os seus também! Em ‘Mistura de Estilos’, gostaria de acrescentar que o Flávio Colín também trabalhou com dois estilos numa mesma tirinha, foi em ‘Vizunga’ (“Folha de S. Paulo”, 1964), com informações do blog do Luigi Rocco. E o Samicler Gonçalves também fez o mesmo na revista “Cometa” nº 8 (2009), comentei isso na página Quadrinhólatras do Facebook, então o Quim Trussel me falou que você tinha feito um artigo com o mesmo assunto. E falando em artigo, espero que você goste (pode editar) e espero que você publique no “QI”. Também espero que o assunto (ou o personagem) ainda não tenha sido abordado.

LINCOLN NERY

R. Helade, 111/102 – Rio de Janeiro – RJ – 20730-490

O “QI” 145 chegou. Sobre ‘O Morcego’, esse personagem sempre me lembra a série ‘Amálgama’ que DC e Marvel fizeram em conjunto nos anos 90, misturando seus heróis. Hoje em dia é muito comum acharmos ilustrações denominadas “mashup” que tratam de unir dois personagens ou universos diferentes em um só. Seria o nosso mal falado Morcego um precursor disso tudo?



Envio o release da revista “Cripta” nº 1, a primeira super-heroína do selo Brasil Comics.

“Quando os criminosos não temem mais a lei e a esperança acaba, a única resposta é um novo tipo de justiça. É esse ambiente que transforma a jovem Lôren Felix na mascarada conhecida apenas como Cripta, alguém que não mede esforços para deter o avanço do crime na cidade de Vencesleng.”

“Não perca essa incrível estreia dos Quadrinhos Nacionais!”

“E ainda: entrevista exclusiva com o músico Nando Moura, falado sobre super-heróis brasileiros e hogaques em geral.”

“Cripta – por Pedro Lucas e Lincoln Nery – Publicação Brasil Comics – capa colorida, miolo p&b, formato 15x21cm, 32 páginas.”



ESPEDICTO FIGUEIREDO

R. Tamiko Fuzioka, 212 – São Paulo – SP – 04728-190

O correio tem atrasado muito na entrega das correspondências. Sua carta chegou no dia 3 de julho. Levou 10 dias! Fiquei contente em ver estampado o texto de reflexão ‘A Estranha’, que lhe enviei. Muito interessante o artigo sobre Mazzaropi. Eu fui fã dele! Eu tenho um artigo, de cunho maçônico, sobre o Zorro. Não sei se você publicaria. Em todo caso estou anexando uma cópia para sua apreciação.

VALDIR RAMOS

C.P. 44 – Araraquara – SP – 14801-970

Recebi seu envelope confirmando a assinatura do “QI” bem como os nºs 143, 144, mais os ‘Artigos’ 5 e 6 e ainda “Quadrinhos” 13. Segue nesse envelope algumas cositas... e no mais nosso abraço e votos de força/saúde/sucesso.

Valdir enviou mensagem de Bruno Privatti sobre “um mangá sobre uma mocinha que desiste da música e leva uma vida sem graça até receber a visita do espírito de Jimi Hendrix.”



FRANCISCO FILARDI

Est. Adhemar Bebiano, 257/306, Bl.3 – Rio de Janeiro – RJ – 21051-071

Seguem alguns filmes antigos para distraí-lo nas horas vagas. “Os Amores de Pandora” e “Canção Inesquecível” são interessantes. Já na versão de “Anna Karenina”, as atuações são um tanto formais e até forçadas. Quanto a “Mary Poppins”, nada preciso dizer. Gosto demais. “A Batalha da Inglaterra” e “Rosa de Esperança” são ambientados na 2ª Guerra; achei o 1º longo, já o 2º me incomodou por dois motivos. Primeiro, por terem escalado um ator gay para interpretar o filho do casal. Não convence. Segundo, por tratar-se de um recado ao povo e ao governo inglês da época. As 6 estatuetas carecas me pareceram um exagero. Mas há uma cena tocante, quando a família se tranca no abrigo anti-bombas, com a chegada dos nazistas.



RALPH RICHARDSON em ação no filme O IDOLLO CAÍDO
Direção de CAROL REED
Título Original: The Fallen Idol de 1948



CLEBER JOSÉ COIMBRA

SQN-315, Bl. “A”, ap.305 – Asa Norte – Brasília – DF – 70774-010

Entendo perfeitamente o que disse em sua carta, mas fique tranquilo, enquanto vivo eu estiver lutando aqui na AFNB-DF, o senhor vai receber nossos informativos, notícias, etc. (já venço 78 anos, no lombo, bem sofrido). Lio G. Bocorny já me descreveu, com riqueza de detalhes, sua bela e incrível luta em prol dos Quadrinhos. Assim, eu também que há décadas luto por nossa área de multicoletionismo, cultura e informação, não poderei deixar de dar ciência ao senhor de tudo que ocorre neste ambiente, notadamente aqui no DF. Assim, não se preocupe, continue ajudando nossa AFNB, quando possível nos informe do seu belo trabalho. Devagar vamos angariando novos membros. A luta é comum e o seu trabalho é altamente meritório.

LIO GUERRA BOCORNY

R. Jerônimo V. das Chagas, 55/104 – Florianópolis – SC – 88063-660

Recebi a edição 145, 40 páginas de precioso conteúdo. Trinta cartas repletas de novidades e mensagens de valor. Tenho certeza que esses 120 exemplares distribuídos trazem esperança e alegria para pessoas que acreditam em um mundo melhor. E nesse clima de otimismo, envio singela página para o fanzine mais simpático do país.

JOSÉ CARLOS DALTOZO

C.P. 117 – Martinópolis – SP – 19500-000

Leio de tudo, até bula de remédio, como dizia o poeta Drummond. E tenho mania de recortar, de jornais e revistas, reportagens de temas que tenho interesse. Por exemplo, os temas imigração em geral, ferrovias, história dos alimentos, filmes, literatura, biografia de escritores, história universal, etc. As de HQ eu envio a você, como nesta oportunidade. Esse recorte da “Folha de S. Paulo”, seção diária de Quadrinhos, envio apenas como curiosidade... estou achando a cada vez mais fraca, mini historinhas sem pé nem cabeça, será que o pessoal está perdendo o talento?

Para ampliar minha coleção de cartões-postais, que tem 29 anos (comecei em 1988) e já passou dos 200.000 exemplares do mundo inteiro, antigos e atuais, faço de tudo. Faço trocas com 80 outros colecionadores, escrevo para prefeituras e secretarias de turismo, divulgo que sou colecionador para apenas duas pessoas: DEUS E O MUNDO, peço postais usados para os amigos, etc. Dessa forma, já consegui doações gigantescas, lembro de 4120 postais da Europa doados por um senhor do Rio de Janeiro que nem conheço, porque soube pela internet que eu colecionava. Doações de 20 ou 30 ou 100 ou mais postais recebo muitas durante os anos. O negócio é divulgar...

Você certamente sabe que a palavra POLIS, em grego, significa CIDADE. Por isso minha cidade se chama MARTINÓPOLIS, que significa Cidade do Martins (ou cidade fundada pelo Martins). No caso de Brasópolis, o fundador deve ter sido alguém chamado BRAS. Ou sobrenome Bras. Estou certo? Por isso há inúmeras cidade brasileiras com POLIS no final... Fernandópolis, Florianópolis (esta homenageia o ex-presidente Floriano Peixoto), Petrópolis (cidade de Pedro, imperador do Brasil), Mirandópolis, Rinópolis, Prudentópolis e centenas de outras...

A região onde hoje se encontra Brasópolis começou a ser ocupada produtivamente, ou seja, com famílias se estabelecendo e iniciando lavouras, na primeira metade do século XIX. Como o usual, o agrupamento se denominou em função de um santo padroeiro. Após uma tentativa de adotar Santana, mãe de Maria, prevaleceu São Caetano, e o nome do local, São Caetano da Vargem Grande já denota que a cultura inicial foi a de arroz. No começo do Século XX, ao se tornar Vila, destronou o santo e homenageou a figura pública mais influente da época, Francisco Braz. Às vezes se diz que a homenagem é ao Wenceslau Braz, presidente do Brasil entre 1914 e 1918. Mas é homenagem ao pai dele, Francisco Braz Pereira Gomes. Ao se emancipar e tornar cidade, a Vila Braz virou Brazópolis. Em meados da década de 1960, um projeto de lei mudou a grafia para Brasópolis (com S), supostamente obedecendo a reforma ortográfica. Já li o texto da reforma de cabo a rabo e não encontrei o que determinaria a mudança. Mais recentemente, outra lei municipal voltou a grafia para Brazópolis (com Z). Eu, conservador empedernido, insisto em grafar com S ainda que considere com Z a grafia correta.

Veja em cartas anteriores o assunto dos cartões postais feitos pela editora Ebal e distribuídos em revistas em 1969.

WORNEY ALMEIDA DE SOUZA

C.P. 675 – São Paulo – SP – 01031-970

Descobri em meus arquivos a digitação das fichas que o Ionaldo fazia para atualizar o livro de personagens dele. Creio que pensava em fazer uma segunda edição atualizada. São 40 laudas de texto. Você acha que daria para fazer um suplemento do “Q1”?

Worney, envie o material do Ionaldo para eu ver qual a possibilidade de fazermos o encarte.

LUIZ ANTÔNIO SAMPAIO

C.P. 3061 – Campinas – SP – 13033-970

Sem comentar novamente aqueles excêntricos nomes dados a personagens estrangeiros entre nós, devemos observar que nossas editoras de Histórias em Quadrinhos não foram muito honestas no quesito de respeitar as provas originais que recebiam, fossem elas dos Estados Unidos ou da Europa. As editoras pareciam ter verdadeiros laboratórios de transformação e mutilação entre as suas paredes. Quadrinhos eram cortados, aumentados e retirados. Balões e onomatopeias eram apagados, para que novos fossem inseridos em seus lugares, o que ocasionava na maioria das vezes adulterações grotescas nos desenhos ao seu redor. Eu sei, entendo perfeitamente, que em tempos passados as Histórias em Quadrinhos eram destinadas às crianças, aos adolescentes e a alguns adultos que furtivamente as liam. Os leitores eram enganados, recebiam material danificado, mas ninguém ligava, ninguém reclamava, ninguém sabia que estava lendo e colecionando trabalhos adulterados de seus desenhistas favoritos. Torna-se imperdoável, no entanto, que mesmo após ser dada uma reputação de arte às Histórias em Quadrinhos, no final da década de 1960, as editoras continuassem seu trabalho de adulteração, só que então muitos leitores já sabiam que estavam com material fraudado na mão. Alguns defensores dessa prática mutilante alegam que ela era necessária. Pura falácia. A editora de O Cruzeiro publicava suas revistas em cores (“Magnus”, “Zane Grey’s Stories of the West”, etc.) sem nenhuma alteração. A impressão e o papel não eram grande coisa, mas havia um total respeito ao original. Até mesmo “O Guri”, em preto e branco, mostrava respeito aos originais. As revistas em cores da Ebal, fossem elas em formatinho ou no tamanho americano, igualmente eram isentas das adulterações típicas da editora. Certamente elas escapavam da tesoura e do pincel adulteradores simplesmente porque as provas das cores não dariam certo em desenhos modificados. Tudo isso é prova mais que suficiente de que era sim possível publicar os comics vindos do exterior de forma integral, sem adulterações nos desenhos ou cortes. As publicações de tiras diárias e páginas dominicais, estas eram as maiores vítimas das atrocidades cometidas pelos paginadores. Trabalhos assim fogem de uma honestidade editorial. Lembro-me de que certa vez um leitor das revistinhas de super-heróis da Abril, comparando a edição brasileira com a original americana, reclamou do fato de a edição brasileira ter eliminado inúmeros quadrinhos das histórias. A resposta da editora souo como algo um tanto surrealista: a retirada dos quadrinhos foi para eliminar as gordurinhas das histórias. Ora, um editor (com o perdão da palavra) desses certamente estava perdendo tempo na Abril, pois deveria ter ido para a Marvel nos Estados Unidos e ensinado o Stan Lee e outros incompetentes como se deveria escrever um roteiro, evitando as gorduras. Será que alguém gostaria de ler uma obra literária que, após traduzida, apresentasse novos diálogos e novos personagens? Certamente que não. O trabalho original de um escritor ou de um desenhista, mesmo quando traduzido e publicado em outros países, não deve ficar sujeito a adulterações e mutilações.

Essa prática vergonhosa, no entanto, não foi exclusividade das editoras brasileiras. Muito longe disso. Vi revistas publicadas na Argentina, em Portugal, na Espanha, na Itália, na França e em outros países, todas mostrando os mesmos trabalhos infames e mutiladores, muitos até mesmo piores do que os encontrados nas nossas publicações. O Brasil pode querer erguer a taça de campeão mundial de futebol, de corrupção, de malandragem e incompetência política, mas em matéria de adulterações de Histórias em Quadrinhos ele certamente vai encontrar sérios concorrentes. Poderá ficar num dos primeiros lugares, mas não sei se conseguirá erguer a taça.

Também acho que havia vários problemas a serem contornados pelas redações das editoras brasileiras, como diferença do tamanho da prova recebida em relação ao formato da revista, diferença no número de páginas e até o envio de histórias em continuação fora da sequência, obrigando os editores brasileiros a fazerem malabarismos. Mas o motivo principal para as adulterações era, sem dúvida, a incompetência e a falta de consideração com o consumidor.

HENRIQUE MAGALHÃES

Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180

Fiz hoje um DOC no valor de R\$ 30,00, este valor corresponde a R\$ 20,00 para o anúncio enviado para publicação no “QI” mais R\$ 10,00 pela venda de quatro exemplares do livro “Estudos sobre Histórias em Quadrinhos”, que, ao todo, já foram adquiridos 36 exemplares.

ANTONIO ARMANDO AMARO

R. Ramon Platearo, 7 – Penha – São Paulo – SP – 03654-090

Desculpe a demora, recebi o nosso “QI” 25 dias atrás. Neste número, além de tudo estar ótimo, você me manda um maravilhoso presente, que é “As Asas da Coragem”, um belo trabalho do mestre português José Pires. Parabéns ao mestre, Portugal tem ótimos desenhistas de Quadrinhos. Cito dois que, na minha opinião, estão entre os melhores do mundo, que são Eduardo Teixeira Coelho e Augusto Trigo, os meus preferidos, são feras do desenho.

Com respeito ao nº 145 do “QI”, nada a criticar, só que estou com saudade do teu desenho realista, faz tempo que você não faz, não é? Gosto muito dos teus artigos, ‘O Morcego’, ‘Mistura de Estilos’, ‘Cartuns e Outros’. Além de você, cito os trabalhos de Worney Almeida de Souza, E. Figueiredo, Eduardo Marcondes Guimarães e Lio Guerra Bocorny. Enfim, tudo ótimo.

Estou, como sempre, te enviando mais um desenho do Gui Amaro e a xerox de duas capas da revista “Alô, Doçura”, de 1960, feitas pelo mestre Jayme Cortez, só que ele assina com o nome Gino. É um apelido que usava (poucas vezes). Essa revista era com histórias de amor, a maioria desenhada pelo mestre Sérgio Lima. Eu me lembro que em 1960 ou 1961 essa revista foi censurada e tirada das bancas de jornais. A censura alegava que atentava contra a família e os bons costumes, parece brincadeira, mas é verdade. Se fosse hoje, seria liberada para crianças de 10 anos.

Edgard, já ia esquecendo, esse mês de julho, eu e minha esposa fomos conhecer a Bahia, o Sul, Porto Seguro, Trancoso, Arraial D’Ajuda e Rota do Descobrimento, local da primeira missa no Brasil, com a réplica em tamanho natural da Nau Capitânia, aldeia dos índios pataxós. Rapaz, me senti como um peixe na água, como é lindo esse Brasil, eu fico puto da vida quando o brasileiro sonha em conhecer os Estados Unidos, principalmente a Disneylândia. Conheça em primeiro lugar o seu país, um dos países mais lindos do mundo.



Capa de “Alô, Doçura” nº 11, enviada por Antonio Amaro.

SIDNEI WANKA

R. Lorival G. de Borba, 76 – Barra Velha – SC – 88390-000

Recebi as edições do “QI” e devo dizer que estou muito satisfeito pela qualidade do material e do conteúdo. Gostaria de destacar o encarte “As Asas da Coragem”, por coincidência me interesse muito pela história da aviação, especialmente dos pioneiros, então gostei demais desse material. Agradeço e parabenoizo pela sua dedicação em produzir um material tão bacana.

JOSÉ MENEZES

R. Ingelhein, 272 – Petrópolis – RJ – 25675-540

Recebi o “QI” 145, bem como um exemplar de “As Asas da Coragem”. Excelente sua iniciativa de trazer até seus leitores esse magnífico trabalho de José Pires, sobre o voo realizado por Sacadura Cabral e Gago Coutinho atravessando o Atlântico, façanha notável de Lisboa ao Brasil! Perfeita quadrinização, diálogos, enfim, uma epopeia levada até nós por sua iniciativa. É lamentável que países de mesma língua não possuam um intercâmbio maior de suas publicações!... Muito poderia ser feito, sem dúvida, nesse sentido. Dependendo sobretudo dos governos e de seus representantes, nem sempre voltados em seus interesses pessoais, em detrimento da cultura e congraçamento de pátrias iguais...

José Pires realizou, por seu histórico, álbuns que por certo deveriam merecer um lugar de destaque tanto em seu país de origem, como de conhecimento, por seu valor histórico, de nossas escolas também. Particularmente gostaria de possuir os álbuns sobre “A Viagem de Pedro Álvares Cabral” e “Pedro Álvares Cabral e o Brasil”, mas desconheço o endereço das editoras que os publicaram. José Pires pertence aos artistas de “boa cepa” (para usar um termo da “Terrinha”) como E.T. Coelho, que conheci em narrativas do “Jornal do Cuto”, editado por Roussado Pinto, contanto a história de Portugal em desenhos inesquecíveis. Não conheço atualmente alguma livraria voltada para publicações portuguesas, o que é digno de lástima.

Antes de terminar, o parabenoizo por seu artigo sobre ‘O Morcego’, onde fica mais uma vez demonstrado o interesse de nossos argumentistas e ilustradores pelo tema ‘Escorpião’, ‘Morcego’ e similares, como sempre calcados na figura do ‘Fantasma’ de Falk...

CARLOS GONÇALVES

R. Tomás da Anunciação, 171, 3º Dto – Lisboa – 1350-326 – Portugal

Em relação aos cartões dos super-heróis, consigo indicar-lhe os Almanques onde eram oferecidos 4 cartões, mas para descobrir quais terei que ir à procura das revistas, e vamos ver se os encontro. São todos de 1970 – “Tarzan”, “Batman”, “Superboy”, “Superman” e “Zorro”. A imagem que mando são do “Almanaque de Tarzan”.



PROJETO FANZINE MÚLTIPLO FANZINE ILUSTRADO AGENTE LARANJA ESPECIAL

O Projeto Múltiplo, que começou em novembro/2016, tem por objetivo a publicação on-line de fanzines, disponibilizado mensalmente em PDF e distribuído gratuitamente entre os fãs e leitores de HQs nacionais. O projeto nasceu com o objetivo de divulgar as HQs nacionais bem como trabalhos amadores e profissionais de nossos quadrinhistas, roteiristas, desenhistas, arte-finalistas, entre outros, dando destaque aos trabalhos enviados em parceria, valorizando a participação de todos, descobrindo novos talentos e não deixando nossos grandes mestres caírem no esquecimento.

O Fanzine Múltiplo tem periodicidade mensal, o Fanzine Ilustrado é variável, saindo de forma autoral (quando se publica somente um artista, como foi o caso dos dois primeiros, Nei Lima e Júlio Shimamoto) ou com um determinado tema, como será o 3, de Caricaturas, Charges, Cartuns e Tiras. O Especial “Adriana, a Agente Laranja”, é um outro projeto, onde diversos artistas criam HQs, ilustrações e pin-ups da personagem Adriana, onde cada um pode criar a aventura solo ou em parceria com um personagem do artista e visa dar publicidade à personagem. A ideia é que saia um especial a cada seis meses, com a devida participação de todos.

Os fanzines podem ser pedidos impressos no Clube de Autores, a preço de custo (impressão + frete) ou através dos combos que são feitos em gráfica, mediante um mínimo necessário (detalhes através do e-mail: adrecarim@outlook.com).

O objetivo do projeto é agregar o maior número possível de fãs de HQs e ilustrações, amantes de um Quadrinho Nacional de qualidade, além de divulgar trabalhos realizados por todos os artistas, sejam eles em forma de financiamentos coletivos ou distribuição pessoal do artista. O projeto é feito em forma de parcerias, ainda não é possível remunerar o artista com os trabalhos publicados, mas há uma contrapartida, que é a divulgação do trabalho e apresentação do artista a diversos mestres, leitores e mídias que divulgam HQs.

Até a presente data já foram lançados 9 Múltiplos e 2 Fanzines Ilustrados, com muitas entrevistas, HQs, ilustrações e artigos sobre Quadrinhos, além de tiras, cartuns, entre outros. Em agosto teremos três edições novas: “Adriana, a Agente Laranja – Especial” 1, “Múltiplo” 10 e “Fanzine Ilustrado” 3 (“Caricaturas, Charges, Cartuns e Tiras”).

O projeto teve boa receptividade entre os quadrinhistas, mídia especializada em Quadrinhos e artistas de um modo geral, mas ainda há aqueles que não entendem os motivos e os objetivos do projeto. Não estou pedindo arte de graça, estou oferecendo um serviço de publicação acessível em massa, onde o artista pode explorar o seu traço, o seu roteiro, tendo assim um meio de publicação que não lhe exige profissionalmente e que divulga o seu trabalho a todos, de forma gratuita e fácil acesso.

O meu objetivo, quando trouxe o Múltiplo de volta, é simplesmente apoiar e divulgar tudo que se relaciona a Quadrinhos Nacionais, mostrar que temos grandes quadrinhistas e material de primeira qualidade, colocar em discussão os meios e soluções para uma distribuição melhor desses Quadrinhos, discutir preferências de produção, desenho, roteiro, enfim, de todo material produzido e responder a algumas perguntas que sempre surtem dúvidas. Entrevistas são feitas com o intuito de valorizar os grandes mestres, os grandes quadrinhistas, bem como divulgar projetos e afins, mostrando toda a produção de HQs no Brasil.

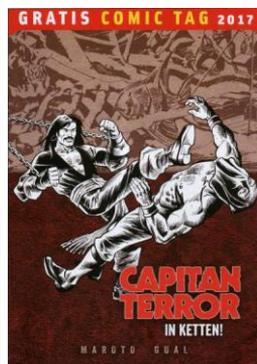
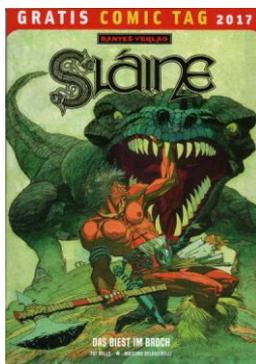
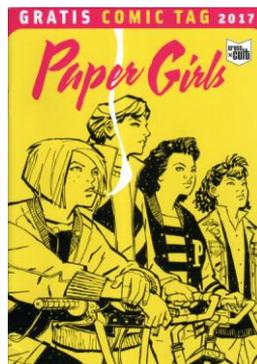
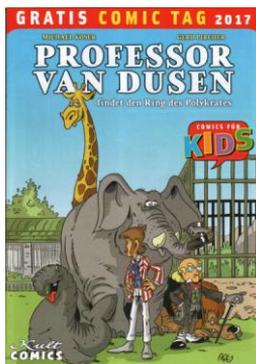
Links onde se pode conhecer melhor o projeto e onde há divulgação de todas as edições já publicadas e que ainda virão:

Blog do Múltiplo: <https://multiplozine.blogspot.com.br>

Página do Múltiplo: <https://www.facebook.com/multiplosHQ2016>

QUADRINHOS DE FORA

Gerd Bonau enviou, além do nº 13 de “Pure Fruit”, mais 4 edições de “Gratis Comic Tag”, evento realizado em 13 de maio de 2017, onde as principais editoras alemãs lançaram cerca de 30 revistas gratuitas com mostras significativas de seus lançamentos. As revistas têm formato americano, coloridas na maioria, alta qualidade gráfica e trazem praticamente o conteúdo de um álbum de quadrinhos. A primeira é a que traz personagem desconhecido para mim. Trata-se do Professor Van Dusen, de Michael Koser e Gerd Pircher, talvez série de origem alemã. Também é uma das 6 lançadas que traz indicação ‘Für Kids’. A segunda traz a primeira edição da série ‘Paper Girls’, da editora norte-americana Image, que teve o primeiro encadernado lançado recentemente no Brasil pela Devir. A editora alemã Cross Cult já lançou dois encadernados. A terceira traz as primeiras histórias de ‘Slaine’, publicado originalmente na revista “2000 AD” a partir de 1983. Essas histórias saíram recentemente no Brasil na revista “Juiz Dredd”, da editora Mythos, a partir do nº 8, de janeiro de 2014. Uma fase posterior, colorida, desenhada por Simon Bisley, havia saído em revista própria pela editora Pandora, em 2000, durando 7 números. A editora alemã Dantes Verlag tem em catálogo 3 volumes de 128 páginas. A quarta traz aventuras curtas de ‘Capitão Terror’, material espanhol desenhado por Esteban Maroto e Josep Gual. A editora já lançou 4 volumes deste personagem e mais 5 de Andrax, de Jordi Bernet. Esses dois personagens saíram no Brasil no número único de “Eureka Aventura”, publicado pela Editora Vecchi em março de 1977. Outras revistas grátis anunciadas trouxeram Gaston Lagaffe de Franquin, o mangá de Sherlock Holmes, One-Punch Man, DC Renascimento, Doctor Who, Homem-Aranha, Monster Alergy, Professor Pardal, Juiz Dredd, entre os nomes conhecidos.



Divulgação do “QI” 145 feita por CESAR SILVA em seu blog: <http://mensagensdohiperespaco.blogspot.com>

Está circulando o número 145 do fanzine “Quadrinhos Independentes – QI”, editado por Edgard Guimarães, dedicado ao estudo dos Quadrinhos destacando a produção independente e os fanzines brasileiros.

A edição tem 40 páginas e traz os artigos ‘O Morcego’, super-herói brasileiro criado em 1972 por Wilson Fernandes, ‘A Estranha’, compilado por E. Figueiredo, ‘Mazzaropi’, por Lio Guerra Bocorny, e ‘Mistura de Estilos’, do editor, quadrinhos de Chagas Lima, Luiz Cláudio Lopes Faria, Eduardo Marcondes Guimarães e do editor, e as colunas ‘Mantendo Contato’, ‘Fórum’ e ‘Edições Independentes’, divulgando os lançamentos de fanzines do bimestre. A capa tem uma ilustração do editor, com um pequeno detalhe colorido.

Junto à edição, os assinantes recebem “As Asas da Coragem” de José Pires, história em quadrinhos com uma dramatização da primeira travessia aérea do Atlântico Sul, realizada em 1922 por Sacadura Cabral e Gago Coutinho. A revista tem capa em cores e 38 páginas com desenhos deslumbrantes em preto e branco.

O “QI” é distribuído exclusivamente por assinatura, mas sua versão digital estará disponível em breve no site da editora Marca de Fantasia. Edições anteriores, a partir do 134, bem como seus suplementos, já estão disponíveis.

QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Paulo Joubert Alves enviou o folheto ilustrado “Programa Criança Que Chia”, a cartilha ilustrada “Boas Práticas”, o folheto ilustrado sobre prevenção de dengue, todos produzidos pela Prefeitura de Belo Horizonte; folheto ilustrado sobre deficiência intelectual, produzido pela Apae e Prefeitura de Itapetininga; cartilha ilustrada “Passaporte do Turista Responsável”, do SESC; e páginas dos jornais “Super Notícia” e “O Tempo” com matérias ilustradas em forma de tiras e histórias em quadrinhos. Valdir Ramos enviou página do jornal “Folha de S. Paulo” com a HQ ‘O Amigo Secreto’, de Robson Vilalba, sobre a política atual.



Divulgação do “QI” 145 feita por MARCOS FREITAS em seu blog: <http://atomiceditora.blogspot.com.br>

O fanzine “QI”, um dos mais longevos fanzines em atividade – ao lado do “Tchê”, de Denilson Reis – segue imprescindível aos fãs de Quadrinhos. Estruturado no estudo dos Quadrinhos, especialmente os clássicos da era de Ouro e Prata, também publica HQs curtas, cartuns e ilustrações, mas o destaque vai mesmo para a parte jornalística.

A página 3 sempre nos traz a história e biografia de um personagem dos Quadrinhos, esmiuçando detalhes sobre sua trajetória editorial. Nesta edição, ‘O Morcego’, criação de Wilson Fernandes para a editora Roval em 1972. Herói nitidamente calcado nos clássicos Batman (Bob Kane) e Fantasma (Lee Falk), teve apenas uma edição publicada, tornando essa revista uma preciosidade, um verdadeiro tesouro dos Quadrinhos Nacionais.

A seguir curiosidades sobre Mickey, de Walt Disney (ou melhor, Floyd Gottfredson). Você sabe quando houve a mudança no desenho dos olhos do personagem, precisamente? Eu também não sabia. Mais um mistério desvendado pelo arqueólogo Edgard. Também é mostrada uma censura nas histórias de Steve Canyon, de Milton Caniff. Ainda com texto do editor, ‘Mistura de Estilos’ falando sobre estas combinações inusitadas, já vistas em HQs Disney e até mesmo em uma aventura do Zé Carioca de Renato Canini, o maior de todos os Zés Cariocas em minha opinião e de muitos. Quando o desenho acadêmico encontra o cartunesco, cita também a participação de Rodolfo Zalla em uma situação de mistura de estilos de seu Zorro.

Lio Guerra Bocorny escreve sobre a revista de Mazzaropi. Hoje praticamente esquecido, Amácio Mazzaropi teve papel importantíssimo na cultura brasileira, apresentando o caipira típico das regiões Sudeste e Cento-Oeste. Brasilidade perdida nos dias de hoje, recuperar a memória nacional é outro papel relevante prestado pelo “QI” e seus colaboradores.

‘A Estranha’, por E. Figueiredo, é uma crônica sobre um dos males do século, que é a impessoalidade e a solidão. Apesar de não falar diretamente sobre HQ, merece reflexão por sua pertinência.

‘Fórum’, a seção de cartas e mensagens, é mais do que isso. Simplesmente uma das seções mais importantes do zine, sempre com notícias quentinhas e informações interessantes sobre Quadrinhos. Algumas: Luigi Rocco comenta o lançamento dos álbuns de ‘Pita’ e ‘Piparoti’, personagens de Daniel Azulay (a turma com mais de 40 vai lembrar da Turma do Lambe-Lambe); Shimamoto fala sobre sua participação na revista “Clássicos do Faroeste”, com a adaptação do filme “Matar ou Morrer” pela editora Outubro; José Augusto Pires fala sobre sua edição definitiva de ‘Terry and the Pirates’; Alex Sampaio comenta o mercado de Quadrinhos europeus atualmente, incluindo os álbuns mais vendidos; finalmente, Luiz Antônio Sampaio, verdadeira enciclopédia sobre o assunto ‘comics’, dá mais um show de informações e curiosidades sobre o assunto.

A coluna ‘Mantendo Contato’ de Worney (WAZ), espaço de ‘palpitolgia’ segundo seu articulista, traz sempre assuntos relevantes e desta vez os eleitos são: a nova revista editada pelo ‘papa’ Franco de Rosa, “Operação Jovem Guarda”, de Rubens Cordeiro; a volta do título de Dylan Dog, pela editora gaúcha Lorentz; e o lançamento de “Contos do Absurdo”, álbum de HQ da revista digital homônima capitaneada por Daniel Vardi e equipe, pela editora Discovery.

‘Edições Independentes’ traz a ficha completa de dezenas de publicações alternativas, com reprodução de capas. Guia seguro para conhecer o panorama dos fanzines produzidos no período, que aumentou neste bimestre.

Na parte dos Quadrinhos e cartuns, destaco as participações de Eduardo Marcondes Guimarães, a brincadeira divertida de Chagas Lima com as Lendas Brasileiras, e o cartum da contracapa, de Edgard, sempre com textos inteligentes.

O encarte é mais um presente aos assinantes fiéis da publicação. Uma belíssima HQ do autor português José Pires, ‘Asas da Coragem’, com capa colorida e miolo PB, que conta a história da primeira travessia aérea do Atlântico Sul. Inicialmente publicada nos números 18 a 20 da revista “Seleções BD” (2ª série) em 2000.

MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

A REVISTA “O TICO-TICO”

A revista **O Tico-Tico** foi a mais importante revista infantil já publicada no Brasil e também a que durou mais tempo; foi publicada de 11 de outubro de 1905 até fevereiro de 1962. Foram editados 2096 números em 56 anos de existência.

O nome da revista **O Tico-Tico** foi inspiração de seu fundador Luiz Bartolomeu de Souza e Silva, quando viu um passarinho *tico-tico* saltitando nas árvores de seu jardim. Anos depois surgiu outra explicação: o nome teria relação com as “escolas de tico-tico” para crianças em idade pré-escolar, muito parecidas com os nossos “jardins da infância”.

A revista **O Tico-Tico** foi lançada pela editora do jornal **O Malho** a partir da ideia do desenhista Renato de Castro e do professor Manuel Bonfim. O dono d’**O Malho**, Luiz Bartolomeu de Souza e Silva, concordou e moldou sua nova revista através da revista infantil francesa **La Semaine de Suzette**.

A revista **O Tico-Tico** era publicada em quatro cores, toda ilustrada, com 16 páginas, oito com Histórias em Quadrinhos e as outras oito com contos, passatempos para recortar, curiosidades, concurso e espaço para os pequenos leitores.

O desenhista, cartunista e o primeiro autor a desenhar uma História em Quadrinhos no Brasil, Angelo Agostini, foi quem criou o cabeçalho da revista **O Tico-Tico**. Eram graciosos garotinhos nus que dançavam entre as letras do título. O cabeçalho desenhado por Angelo Agostini para a revista **O Tico-Tico** permaneceu na primeira página da revista durante quinze anos (do nº 1 ao 623 e do 668 ao 939) sendo então trocado pelo desenho do artista J. Carlos e depois pelo desenho do cartunista Luiz Sá.

A revista **O Tico-Tico** era muito popular, tanto que começou com uma tiragem de 10 mil exemplares e logo passou para 25 mil exemplares. **O Tico-Tico** saía toda semana, às quartas-feiras, e era vendido em forma de assinatura (entregue na casa do leitor) ou nas bancas de jornais.

No final de cada ano eram publicados os **Almanaques d’O Tico-Tico**. Com capa dura, mais de 100 páginas e Histórias em Quadrinhos e joguinhos inéditos, essas edições eram muito aguardadas e disputadas, anos depois, pelos colecionadores. Eram os presentes ideais para o Natal para as crianças da primeira metade do Século XX.



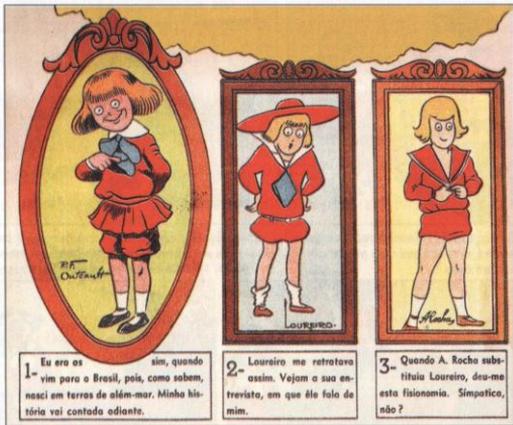
Capas do nº 1 e do Almanaque de 1907.

A revista **O Tico-Tico** era esperada com muita ansiedade pelos pequenos leitores. Ela foi companheira da infância de muitos brasileiros e ajudou a formar várias gerações. O poeta Carlos Drummond de Andrade expressou seu amor pela revista através de uma crônica publicada no jornal **Correio da Manhã** com o nome *Um Passarinho*.

A revista **O Tico-Tico** era muito popular e lida por brasileiros de todas as idades. Tanto que se conta uma história sobre um pronunciamento no Congresso Nacional do político baiano Rui Barbosa. Depois de fazer uma citação, vários deputados questionaram a origem da informação, e o grande orador respondeu: “ – Li n’**O Tico-Tico!**”.

Desde o começo, a revista **O Tico-Tico** teve grandes desenhistas publicando em suas páginas, como Angelo Agostini, Loureiro, Renato de Castro, J. Carlos, Augusto Rocha, Yantok, Vasco Lima, Leo, Fortuna, Luiz Sá, Alfredo Storni e K. Lixto, e importantes escritores como Coelho Neto, Carlos Manhães, Bastos Tigre, Galvão Queiroz e Josué Montello.

As maiores atrações da revista **O Tico-Tico** eram seus personagens das Histórias em Quadrinhos. O mais celebrado é *Chiquinho*, um endiabrado menino loirinho que fazia mil e uma com seus amiguinhos. Ele foi inspirado no personagem americano *Buster Brown*, e com o passar do tempo foi ambientando suas aventuras no Brasil.



Chiquinho nos traços de Outcault, Loureiro e A. Rocha.

Um dos melhores desenhistas que passou pelas páginas da revista **O Tico-Tico** foi J. Carlos. Grande caricaturista e ilustrador, colaborou com várias publicações da época, com destaque para **A Careta**, **Fon Fon**, **A Cigarra** e **O Cruzeiro**. J. Carlos criou personagens muito engraçados como a deastrada empregada **Lamparina**, **Juquinha**, **Jujuba**, **Carrapicho**, **Goiabada** e o menino negro **Gibi**.



Foi no domingo passado. Carrapicho tem um amigo, Chico Cebolas, que faz aniversário.

Havia festa na casa de Chico Cebolas e a chegada de Carrapicho foi muito apreciada.

Carrapicho e Jujuba, de J. Carlos.



Kaximbown e Pipoca, de Max Yantok.

Um dos mais divertidos autores d'**O Tico-Tico** era Max Yantok. Escritor, cantor de ópera, fabricante de tintas, professor de música, aritmética e geometria e inventor. Yantok criou personagens malucos e mágicos como **Kaximbown** e **Pipoca**, **Capitão Farragon**, **Chico Muque**, o **Barão Rapapé**, **Pandareco**, **Para-choque** e **Vira-lata**.

O desenhista Alfredo Storni foi o único autor que publicou seus trabalhos em quase todos os números da revista **O Tico-Tico**. Ele gostava muito de gozar das convenções sociais e seu humor era muito ácido. Seus mais divertidos personagens eram o inventor maluco **Zé Macaco** e a horrorosa **Faustina**, com uma enorme berruga na ponta do nariz.



Zé Macaco e Faustina, de Alfredo Storni.

Na década de 1950, o último período de vida da revista **O Tico-Tico** tinha como atração principal o desenhista e cartunista Luiz Sá. Com desenhos arredondados e um roteiro muito engraçado, Luiz Sá fazia seus personagens com braços e pernas alongados que pareciam de borraça.

Luiz Sá foi o criador do mais divertido trio de personagens das Histórias em Quadrinhos brasileiras. **Reco-Reco**, **Bolão** e **Azeitona** eram um grupo de garotos que faziam muitas trapalhadas. Foram publicados nas páginas da revista **O Tico-Tico** e chegaram até a virar um álbum de figurinhas nos anos 1960.



Reco-Reco, Bolão e Azeitona, de Luiz Sá.

Infelizmente não existe uma só coleção completa da revista **O Tico-Tico**. Depois de 56 anos de publicação, 2096 números semanais e dezenas de almanaques e edições especiais, muito poucos colecionadores se interessaram em guardar os exemplares da revista infantil mais importante do Brasil. É possível que alguns exemplares tenham se perdido para sempre.

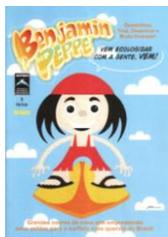
EDIÇÕES INDEPENDENTES

QUADRINHOS

AL WILLIAMSON – El Último Aventurero * estudo sobre Al Williamson feito por Yexus, em espanhol * mai/2017 * 148 pág. * 245x225mm * capa color. * 18,50 euros + porte internacional * **Manuel Caldas** – mcaldas59@sapo.pt.

ASSOMBRADO * HQs de terror de Angelo Júnior * jun/2017 * 54 pág. * A4 * capa color. * R\$ 30,85 * **Angelo Júnior** – a/c www.clubedeautores.com.br.

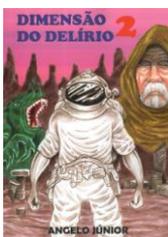
BENJAMIN PEPPE * n° 8 * ago/2017 * 28 pág. * A5 * color. * R\$ 9,90 + porte * **Paulo Miguel dos Anjos** – Pr. Francisco de Santiago, 60 – São Paulo – SP – 02514-070.



CARTUM * n° 113 * jun/2017 * 24 pág. * A5 * color. * R\$ 90,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CASEY RUGGLES * tiras diárias de Warren Tufts, em espanhol * n° 2 * out/2016 * 100 pág. * 305x230mm * 18,50 euros + porte internacional * **Manuel Caldas** – mcaldas59@sapo.pt.

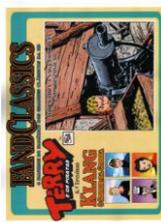
DIMENSÃO DO DELÍRIO 2 * HQs de terror de Angelo Júnior * mai/2017 * 54 pág. * A4 * capa color. * R\$ 30,85 * **Angelo Júnior** – a/c www.clubedeautores.com.br.



FANDCLASSICS * Terry e os Piratas * n° 6 * 2017 * 124 pág. * A4 * capa color. * 15 euros + porte internacional * **José Pires** – gussy.pires@sapo.pt.

FANDCLASSICS * Terry e os Piratas * n° 7 * 2017 * 118 pág. * A4 * capa color. * 15 euros + porte internacional * **José Pires** – gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * Série Matt Marriott * n° 57 * 2017 * 54 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * **José Pires** – gussy.pires@sapo.pt.



FANDWESTERN * Série Matt Marriott * n° 58 * 2017 * 46 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * **José Pires** – gussy.pires@sapo.pt.

FANTASMA * páginas dominicais de Sy Barry de 1980 * 2017 * 56 pág. * 320x210mm * color. * R\$ 95,00 + porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowsky, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000 – liriocomics@gmail.com

GIBI DE FAROESTE * HQs de Cheyenne, Bill Elliott, Cavaleiro Fantasma, Hopalong Cassidy e Zorro * n° 9 * jul/2017 * 60 pág. * 180x260mm * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.



GIBI DE FAROESTE ESPECIAL * As Histórias Perdidas da Rio Gráfica e Editora * jul/2017 * 60 pág. * 180x260mm * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

GIBI DO HERÓI NACIONAL * HQs de Três Legionários de Sorte, Titan e Targo * n° 1 * jun/2017 * 60 pág. * 180x260mm * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

GIBI DO HERÓI NACIONAL * HQs de Capitão Amazonas e Golden Guitar * n° 2 * jul/2017 * 60 pág. * 180x260mm * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

GIBI DOS SUPER-HERÓIS * HQs de Super-Homem, Capitão Marvel, Arqueiro Verde e Batman * nº 1 * jul/2017 * 36 pág. * 180x260mm * José Salles – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

JACK KIRBY – O Criador de Deuses * livro sobre Jack Kirby * 2017 * 224 pág. * A5 * capa color. * R\$ 60,00 * Roberto Guedes – Av. Irajá, 393, conj. 111 – São Paulo – SP – 04082-001 – guedesbook@gmail.com.

LEITOR VIP * nº 42 * jun/2017 * 16 pág. * A5 * Aldo dos Anjos - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.



MICRONAUTA * nº 3 * fev/2017 * 8 pág. * A5 * R\$ 2,00 * Denilson Reis - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

MOCINHOS & BANDIDOS * nº 123 * set/2017 * 44 pág. * A4 * capa color. * R\$ 50,00 (ass. 4 n's) * Diamantino da Silva – R. Itapemirum, 163/34 – Morumbi – São Paulo – SP – 05716-090.

MÚLTIPLO * edição dedicada às Mulheres * nº 8 * jun/2017 * 156 pág. * A5 * capa color. * R\$ 37,15 + porte * André Carim de Oliveira – a/c www.clubedeautores.com.br.



MUNDO LOUCO * nº 6 * out/2016 * 8 pág. * A5 * José João de Arruda Filho – R. Caranguejo, 249 – Eldorado – Diadema – SP – 09970-100.

NOSSOS HERÓIS * HQs de super-heróis de Angelo Júnior * mai/2017 * 54 pág. * A4 * capa color. * R\$ 30,85 * Angelo Júnior – a/c www.clubedeautores.com.br.

PRÍNCIPE VALIENTE * páginas de 1961/62 de Hal Foster, em espanhol * vol. XIII * set/2016 * 116 pág. * 270x350mm * capa 2 cores * 25,00 euros + porte internacional * Manuel Caldas – mcaldas59@sapo.pt.

PRÍNCIPE VALIENTE * páginas de 1963/64 de Hal Foster, em espanhol * vol. XIV * mai/2017 * 116 pág. * 270x350mm * capa 2 cores * 25,00 euros + porte internacional * Manuel Caldas – mcaldas59@sapo.pt.

PURE FRUIT * Quadrinhos independentes alemães * nº 13 * 2017 * 68 pág. * A5 * color. * a/c Gerd Bonau – Berliner Strabe 9 – Rendsburg – 24768 – Alemanha.

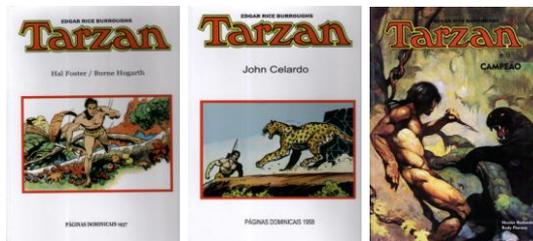
STATUS COMICS * nº 1 * jul/2017 * 36 pág. * A5 * capa color. * R\$ 25,00 * Roberto Guedes – Av. Irajá, 393, conj. 111 – São Paulo – SP – 04082-001 – guedesbook@gmail.com.



TARZAN * páginas de Foster e Hogarth de 1937 * 2017 * 60 pág. * 225x305mm * color. * R\$ 95,00 + porte * Lirio Comics – R. Pedro Kurowksy, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000 – liriocomics@gmail.com.

TARZAN * páginas de John Celardo de 1958 * 2017 * 60 pág. * 225x305mm * color. * R\$ 95,00 mais porte * Lirio Comics – R. Pedro Kurowksy, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000 – liriocomics@gmail.com.

TARZAN – O Campeão * álbum capa dura de Nestor Redondo e Rudy Florese * 2017 * 62 pág. * 215x300mm * color. * R\$ 100,00 + porte * Lirio Comics – R. Pedro Kurowksy, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000 – liriocomics@gmail.com.



TARZAN * tiras diárias de Russ Manning, em espanhol * nº 3 * mai/2015 * 84 pág. * 315x230mm * capa color. * 18,50 euros + porte internacional * Manuel Caldas – mcaldas59@sapo.pt.

TELA HQ * nº 3 * mar/2017 * 20 pág. * A5 * R\$ 3,00 * Denilson Reis - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

30 ANOS DE MARCO E SEUS AMIGOS * HQs de Tako X e Alessandra Freitas * 2017 * 76 pág. * 200x200mm * capa color. * R\$ 37,56 * Tako X – a/c www.clubedeautores.com.br.



O UNIVERSO das Histórias em Quadrinhos * texto de Luis Eduardo C. Tavares * 110 pág. * A5 * capa color. * R\$ 30,43 * Luis Eduardo C. Tavares – a/c www.clubedeautores.com.br.

VELTA 2017 * jun/2017 * 68 pág. * 155x225mm * capa color. * R\$ 25,00 * Emir Ribeiro – C.P. 5068 – João Pessoa – 58051-970 – www.emirribeiro.com.br.

VESTÍGIOS DE HUMANIDADE * HQ de ficção científica de Angelo Júnior * abr/2017 * 56 pág. * A4 * capa color. * R\$ 31,01 * Angelo Júnior – a/c www.clubedeautores.com.br.



FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

JUVENATRIX * n° 186 * jun/2017 * 17 pág. * arquivo pdf via e-mail * Renato Rosatti – renatorosatti@yahoo.com.br.

JUVENATRIX * n° 187 * jul/2017 * 19 pág. * arquivo pdf via e-mail * Renato Rosatti – renatorosatti@yahoo.com.br.



OUTROS ASSUNTOS

O CAPITAL * n° 276 * jun/2017 * 16 pág. * A4 * Ilma Fontes – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

FILMES ANTIGOS * n° 6 * jun/2017 * 36 pág. * 180x260mm * José Salles – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

JORNAL DO SÁBIO * n°s 1040, 1043 e 1048 * 2017 * 1 pág. * A4 * Antônio Fernando de Andrade – R. D. João Moura, 305 – Engenho do Meio – Recife – PE – 50730-030.

MEGAROCK * a força do Rock n' Roll * n° 67 * mai/2017 * 12 pág. * A4 * Fernando Cardoso – C.P. 3535-1 – Diadema – SP – 09950-971 – contato_fernandocardoso@hotmail.com.



LITERATURA, POESIA e MÚSICA

O BOÊMIO * n° 316 * Eduardo Waack – R. Benedito Aleixo do Nascimento, 219 – Matão – SP – 15990-776.

BOLETIM DA AFNB * n°s 31, 32, 34, 35, 36/2017 – C.P. 6261 – Ag. W3 – 508 Asa Norte – Brasília – DF – 70740-971.

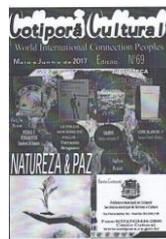
COTIPORÁ CULTURAL * n° 69 * Adão Wons – R. Marçílio Dias, 253 – Térreo – Cotiporá – RS – 95335-000.

O GARIMPO * n° 144 * Cosme Custódio da Silva – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.

L'ATMOSFERE * n° 11 * Denilson Reis – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

VIDA E PAZ * n° 183 * Mauro Sousa – R. Manoel Nascimento Júnior, 366, fundos – São Vicente – SP – 11330-220.

A VOZ * n° 153 * Av. Dr. José Rufino, 3625 – Tejipió - Recife - PE - 50930-000.



PREZADOS AMIGOS!
 Confirmam o lançamento do fanzine **TelaHQ 03** acessando o blog da Quadrante Sul Comics:
<http://quadrantesul.blogspot.com.br>

Anúncio enviado por Denilson Rosa dos Reis.

DISTRIBUIDORA DE PUBLICAÇÕES LTDA

Carlos Gonçalves me pediu informação sobre uma revista chamada “Texas Jack” distribuída em Portugal e supostamente editada no Brasil. Perguntei a José Manuel Oliveira, que tem várias edições à venda. A resposta foi:

“A coleção parece que é brasileira mas impressa em Portugal para não pagar os portes. O item que encontrei tem imagem no site e é uma encadernação pela editora dos n°s 100, 102, 103, 101 e 118.”



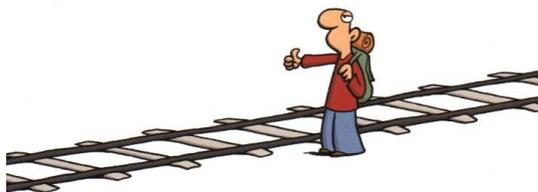
A revista “Texas Jack” teve 122 números publicados em Portugal pela editora Palirex na primeira metade da década de 1970. No mesmo período, a Palirex distribuiu outra revista de nome “Texas Jack”, que durou 142 números e cuja editora se chamava Distribuidora de Publicações Lda, sediada no Brasil. Vários anos atrás comprei algumas revistas, através do MercadoLivre, de um vendedor de Recife que me falou que havia sido o editor dessa revista. Creio que ele tinha uma distribuidora de revistas na região e arriscou publicar revista de quadrinhos. Infelizmente na época não tive maior interesse pelo assunto e não tenho mais informações. Depois da morte desse colecionador, a filha dele continuou vendendo gibis no MercadoLivre, mas não consegui recuperar o contato com ela para buscar mais informações sobre “Texas Jack”.



ilustração de **Guilherme Amaro**.

JERRY LEWIS EM BRASÓPOLIS

Em 1967, a Ebal começou a publicar, sob o título “O Garotão”, uma revista com Jerry Lewis. O número 8, de abril de 1968, trouxe a capa abaixo e a história intitulada ‘O Dragão de Brasópolis’. Na verdade, na história, ‘Brasópolis’ é uma estância turística cujos hóspedes estão abandonando pela presença do tal “dragão” (e que na história é mesmo um dragão). Esta história foi publicada originalmente na revista “The Adventures of Jerry Lewis” n° 82, de mai/jun/1964, e o título em inglês não faz sequer menção a dragão. Na época em que esta história foi publicada no Brasil, o que ouvi de parentes e conhecidos a respeito do título em português, é que havia um funcionário na Ebal que era brasopolense e conseguiu enfiar este nome no título da aventura.



Cartum/cartão enviado por **Gerd Bonau**.

COMIC NRS

#CCRS

5 e 6/AGOSTO

O COLETIVO
QUADRANTE SUL
ESTARÁ PRESENTE NA COMIC CON R\$ 207, EM CANOAS, COM PUBLICAÇÕES INDEPENDENTES E LANÇAMENTOS:

- SOMBRAS, DE JULIO SHIMAMOTO •
- BRAKAT, DE MOZART COUTO •
- PRINTS DE ARTES EXCLUSIVAS •
- CHINA NAS ESTRELAS, EM UMA PARÓDIA GAUDÉRIA DA SAGA •
- ARTEZINE: CONAN 35 ANOS DO FILME DE 1982 •
- ARTEZINES 1 E 2: FANTASMA 85 ANOS •
- FANZINE: MUNDO GIBI •
- QUADRANTE SUL Nº 8 •
- E MUITO MAIS...

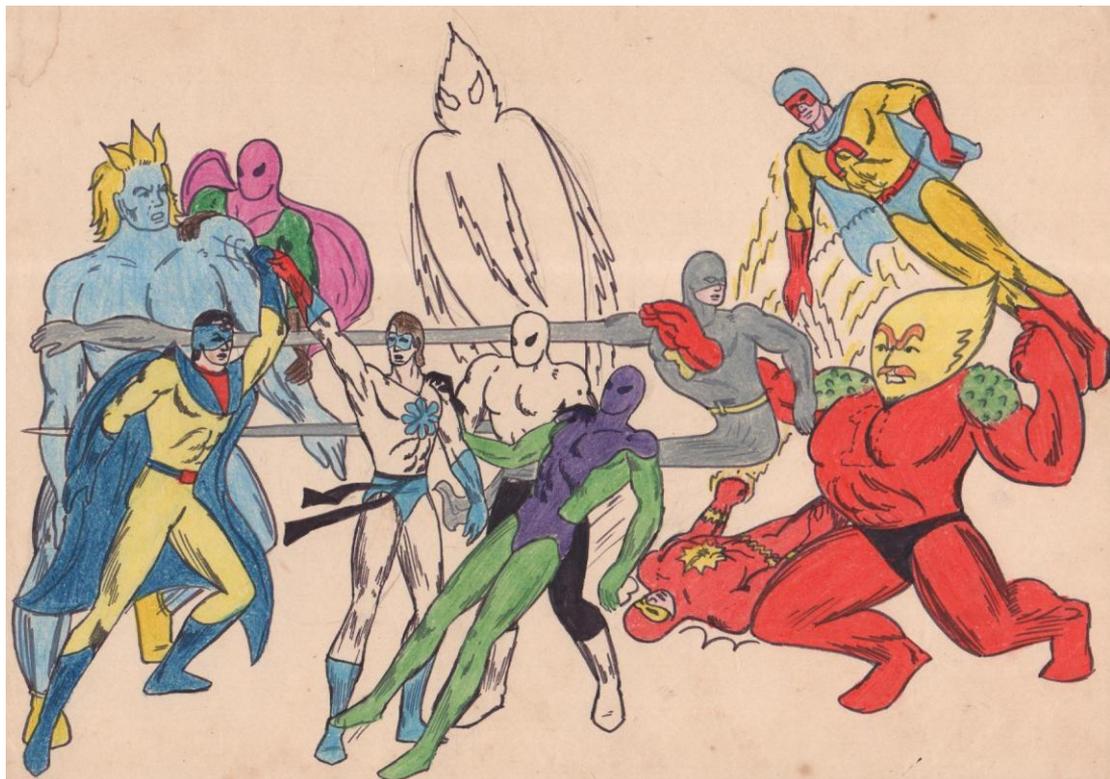
ALEX DOEPPRE

DENILSON REIS

PAULO KOBIELSKI

ADAÓ DE LIMA JR

Anúncio enviado por **Denilson Rosa dos Reis**.



Claro que criei muito personagem super-herói na infância e mocidade. E é claro que eram “inspirados” nos heróis da época. No desenho acima, uma reunião de vários deles (apenas uma pequena amostra da centena que foi criada), já com um traço mais definido, mas ainda com arte-final feita com hidrográfica e colorido a lápis de cor. O grandão à esquerda pode parecer um “Hulk” com a cor azul no lugar da verde, e o nome do personagem até era “Monstro”, mas não era ninguém que se transformava num ser irracional quando irritado. Por outro lado, o personagem central com a faixa na cintura, certamente inspirado no Judô-Master (tanto que o nome era Ultra Master), tinha características de Hulk, quando ficava nervoso, se tornava poderoso e a cor do uniforme mudava, a parte azul ficava vermelha. No desenho, a transformação está começando pela mão direita. O monstro da direita talvez seja um “Coisa”. Mas dá para ver a influência do Homem-Aranha na máscara de três deles. O em primeiro plano copiou o tipo do uniforme do Lanterna Verde. O deitado ao fundo parece dever algo ao Flash. Mas tanto ele quanto o que é “meio fumaça” devem mesmo é ao Solar, o Homem Átomo, que no início nem tinha uniforme de super-herói. O com capacete ao alto à direita, será que é um “Magneto”? Ainda mais com um ímã no peito! Não sei dizer, mas não acho provável que eu fosse criar um herói baseado em um vilão. Também não sei de onde saiu o com meia máscara à esquerda. E muito menos o espectro ao fundo. A cena não podia ser outra, todos se enfrentando, como é o lugar comum no mundo dos super-heróis. O velho lema: “Não se encontrar sem se estranhar”. Embora tenha feito centenas de desenhos avulsos com esses heróis, a maioria não saindo do esboço, praticamente não fiz nenhuma História em Quadrinhos completa, embora tenha começado uma meia dúzia.

CARTUNS E OUTROS

